

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

*Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladímir Nabókov
Maria Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente*

direcção: Luísa Costa Gomes | edição: Tinta Permanente

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS Nº 2

2º Semestre de 2000

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

Edição

Tinta Permanente
tintapermanente@mail.pt

Direcção

Luísa Costa Gomes
lcg@ip.pt

Grafismo

Jorge Silva

Impressão

Gráfica das Nove

Distribuição

Sodilivros

Tiragem

2.500 exemplares

Depósito legal

156450/00

Administração

Empresa de Palavras
Edição de Livros
e Revistas, Ld^a

Sede

Av. Igreja, 9 - 3º Esq.
1700-230 Lisboa
Tel. e Fax 218 492 521

Delegação

Av. Inf. D. Henrique
47 - 3º Esq.
9500-150 P. Delgada
Tel. 296 628 135
Fax 296 284 790

Índice

<i>Denis Diderot</i> “Isto não é um conto”.....	5
<i>Horace Walpole</i> “Dois contos hieroglíficos”.....	29
<i>Franz Kafka</i> “Um artista da fome”.....	43
<i>Vladimir Nabókov</i> “O regresso de Tchorb”.....	57
<i>Maria Velho da Costa</i> “O amante do Crato”.....	71
<i>Teresa Veiga</i> “Confidência barreirense”.....	81
<i>Isabel Boavida</i> “Por acaso”.....	109
<i>Cláudia Clemente</i> “Noite de hotel e Visita à ilha”.....	117

Denis Diderot **Isto não é um conto**

Tradução de Pedro Tamen

Denis Diderot (1713-1784) nasceu em Langres (Alto-Marne), numa família de artesãos cutedeiros. Destinado ao clero, iniciou estudos com os Jesuítas de Langres e prosseguiu em Paris. Aos quinze anos é bacharel em artes e faz vida boémia, sobrevivendo com trabalhos avulsos. Já perto dos trinta anos, liga-se a Rousseau e a Grimm. Com o primeiro terá, mais tarde, uma querela insanável, com o segundo uma amizade que durará até à morte. Casa-se com a lavadeira Antoinette Champion, de quem terá uma filha. Em 1747 é nomeado, com D'Alembert, co-director do projecto da Enciclopédia, que lhe tomará boa parte do seu tempo e energia pelos próximos vinte anos. Passará uns meses na prisão de Vincennes no seguimento da publicação da Carta aos Cegos para Uso dos que Vêem e os sete volumes da Enciclopédia serão queimados por ordem real em 1759. Mais tarde, serão impressos secretamente e postos a salvo por Malesherbes. Data de 1765 o início da sua relação com a Imperatriz Catarina II da Rússia, que sempre o protegerá. E em 1773 escreve a sua obra maior de ficção, Jacques, o Fatalista, enquanto viaja pela Holanda, pela Alemanha e chega a S. Petersburgo. Apareceu uma primeira versão incompleta de Ceci n'est pas un conte na Correspondência Literária de Grimm, em 1773. Talvez a história date do ano anterior: Mademoiselle de la Chaux, a infeliz personagem, existiu realmente e traduziu os Political Discourses de Hume. Mulher notável, foi amiga de Condillac e de D'Alembert. A tradução deste conto, inédito, segundo tudo leva a crer, em Português, foi feita a partir das Oeuvres de Diderot (Gallimard, 1951, ed. de André Billy).

Quando se conta um conto, é a alguém que o escuta e, por muito pouco que o conto dure, raro é que o contador não seja interrompido de vez em quando pelo seu ouvinte. Eis por que introduzi no relato que se vai ler, e que não é um conto, ou é, se quiserem, um mau conto, uma personagem que, mais ou menos, desempenhe o papel do leitor; e começo.

— E daí que concluí?

— Que um tema tão interessante devia pôr-nos a cabeça em alvoroço; devia ser durante um mês assunto de conversa em todos os círculos da cidade; ser nessas conversas virado e revirado até se tornar insípido; ser pasto para mil discussões, para vinte brochuras, pelo menos, e para algumas centenas de peças versificadas a favor ou contra; e que, apesar de toda a sagacidade, de todos os conhecimentos, de todo o espírito do autor, a sua obra é medíocre, e muito medíocre, já que não excitou qualquer fermentação violenta.

— Mas parece-me, contudo, que lhe devemos um serão bastante agradável, e que esta leitura provocou...

— Qual! Uma litania de historietas gastas, disparadas de todos os lados, e que não diziam mais que uma coisa conhecida desde toda a eternidade, isto é, que o homem e a mulher são dois animais muito malfazejos.

— Fostes, no entanto, atingido pela epidemia, e pagastes a vossa parte como qualquer um.

— É que, queiramos ou não, adequamo-nos ao tom que nos foi dado; ao entrarmos para uma reunião de sociedade, até a nossa fisionomia compomos à porta de uma casa, de acordo com as que habitualmente nos é dado ver. Fingimo-nos divertidos quando estamos tristes; tristes quando seríamos tentados a estar divertidos; não queremos alhear-nos seja do que for. O literato faz política; o político metafísica; o metafísico moraliza; o moralista fala de finanças; o financeiro de belas-lettras ou de geometria. Em vez de ouvir ou calar-se, cada um tagarela acerca do que ignora, e todos se aborrecem por estúpida vaidade ou delicadeza.

— Tendes humor.

— É meu costume.

— E acho conveniente reservar a minha historieta para momento mais favorável.

— Quer isso dizer que ides esperar que eu já não esteja presente.

— Não é tal.

— Ou que temeis que eu não tenha menos indulgência por vós, frente a frente, que a que teria por um indiferente em sociedade.

— Não é tal.

— Comprazei-vos em dizer-me então o que é.

— É que a minha historieta não se revela melhor que as que vos importunaram.

— Oh!, mas dizei lá.

— Não, não; já tendes a vossa conta.

— Sabeis que, de todos os modos que existem de me irritar, o vosso é o que me é mais antipático?

— E qual é o meu modo?

— É que vos seja pedida a coisa que morreis de vontade de fazer. Pois bem, meu amigo, peço-vos, suplico-vos o obséquio de vos satisfazerdes.

8 — Satisfazer-me!

— Começai, por Deus, começai.

— Tratarei de ser breve.

— O que não estará nada mal.

Aqui, um pouco por malícia, tossi, cuspi, desenrolei lentamente o lenço, assoei-me, abri a tabaqueira, tomei uma pitada de tabaco; e ouvia o meu homem dizer entre dentes: «Se a história é breve, certo é que os preliminares são longos...». Apeteceu-me chamar um criado a pretexto de um qualquer recado; mas não o fiz e disse:

— Temos de confessar que há homens muito bons e mulheres muito más.

— É o que se vê todos os dias, e às vezes sem sequer sair de casa. E depois?

— Depois? Conheci uma bela alsaciana, mas bela de ser chamariz dos velhos e de pura e simplesmente paralisar os novos...

— Também eu a conheci; era a Senhora Reymer.

— É verdade. Um recém-chegado de Nancy, que se chamava Tanié, apaixonou-se perdidamente por ela. Ele era pobre; um daqueles filhos perdidos postos fora de casa pela dureza dos pais com família numerosa e que se lançam no mundo sem saber que será feito deles, graças a um instinto que lhes diz que não terão nele sorte pior que aquela de que fogem. Tanié, apaixonado pela Senhora Reymer, exaltado por uma paixão que lhe sustentava a coragem e a seus olhos lhe enobrecia todas as acções, sujeitava-se sem repugnância às mais penosas e mais vis para aliviar a miséria da sua amiga. Ia durante o dia trabalhar nos portos e ao cair da tarde mendigava pelas ruas.

— Isso era bonito, mas não podia durar muito tempo.

— Então, Tanié, cansado de lutar contra a necessidade, ou, antes, de manter na indigência uma mulher encantadora, obsidiada por homens opulentos que a instavam a que corresse com aquele miserável Tanié...

— Coisa que ela faria quinze dias ou um mês mais tarde...

— ...E aceitasse as riquezas deles, resolveu deixá-la e ir tentar fortuna para longe. Solicita e obtém uma passagem num navio do rei. Chega o momento da partida e vai despedir-se da Senhora Reymer. «Minha amiga, diz-lhe, não posso abusar por mais tempo da vossa ternura. Tomei a minha decisão, vou-me embora. — Ides-vos embora! — Vou... — E para onde ides?... — Para as ilhas. Sois digna de melhor sorte e eu não posso impedir-vos por mais tempo...»

— O bom do Tanié!...

— E que há-de ser de mim?...

— Traidora!...

— Estais rodeada de pessoas que procuram agradecer-vos. Eu vos devolvo as vossas promessas; eu vos devolvo as vossas juras. Vede qual desses pretendentes vos é mais agradável; aceitai-o, sou eu que vo-lo rogo... — Ah, Tanié, sois vós que me propondes...

— Dispensó-vos da pantomima da Senhora Reymer. Estou a vê-la, eu conheço-a...

— Ao afastar-me, a única graça que de vós exijo é a de não tomardes qualquer compromisso que nos separe para sempre. Jurai-mo, minha bela amiga. Seja qual for a região do mundo onde eu viver, infeliz terei de ser se se passar um ano sem vos dar provas seguras da minha terna afeição. Não choreis...

— Elas choram todas quando querem.

— ...E não combatais este projecto que os remorsos do meu coração acabaram por inspirar-me e a que não tardarão a reduzir-me. E eis Tanié a caminho de São Domingos.

— E mesmo a tempo para a Senhora Reymer e para ele.

— Que sabeis vós disso?

— Sei, tanto quanto se pode saber, que quando Tanié a aconselhou a fazer uma escolha, já a escolha estava feita.

— Bem!

10 — Continuai o vosso relato.

— Tanié era homem de espírito e grande aptidão para os negócios. Não tardou a tornar-se conhecido. Entrou para o Conselho Soberano de Cap-Haïtien. Ali se distinguiu pelas suas luzes e pela sua equidade. Não ambicionava uma grande fortuna; apenas a desejava honesta e rápida. Todos os anos enviava uma parte dela à Senhora Reymer. Veio ao fim... de nove ou dez anos; não, não creio que a ausência haja sido mais longa... entregar à sua amiga uma pequena carteira que continha o produto das suas virtudes e dos seus trabalhos... e felizmente para Tanié foi no momento em que ela acabava de se separar do último dos sucessores de Tanié.

— Do último?

— Sim.

— Tinha havido então vários?

— De certo.

— Continuai, continuai.

— Mas não tenho porventura nada a contar-vos que não saibais melhor que eu.

— Não interessa, ora continuai.

— A Senhora Reymer e Tanié ocupavam uma bela habitação na rua Sainte-Marguerite, muito perto de mim. Eu tinha muita consideração por Tanié e frequentava-lhe a casa, que era, senão opulenta, pelo menos muito abastada.

— Pois eu posso assegurar-vos que, sem ter feito as contas com a Reymer, ela tinha mais de quinze mil libras de rendimento antes do regresso de Tanié.

— A quem ela ocultava a sua fortuna?

— Exactamente.

— E porquê?

— É que ela era avarenta e ávida.

— Ávida, aceito; mas avarenta! Uma cortesã avarenta!... Havia cinco ou seis anos que os dois amantes viviam no melhor entendimento.

— Graças à extrema esperteza de uma e à confiança sem limites do outro.

— Oh! É certo que era impossível a sombra de uma suspeita entrar numa alma tão pura como a de Tanié. A única coisa de que me apercebi algumas vezes foi que a Senhora Reymer depressa esquecer a sua inicial indigência; que era aguilhada pelo amor do fausto e da riqueza; que se sentia humilhada por uma mulher tão bela andar a pé.

— Pois não andava de carruagem?

— ...E que o brilho do vício a este retirava a vileza. Vós rides?... Foi então que o Senhor de Maurepas concebeu o projecto de estabelecer no Norte uma casa comercial. O êxito deste empreendimento exigia um homem activo e inteligente. Pôs os olhos em Tanié, a quem confiara a condução de vários assuntos importantes durante a sua estada em Cap-Haïtien, e que sempre os conduzira a contento do ministro. Tanié ficou desolado com esta prova de deferência. Estava tão contente, tão feliz ao lado da sua bela amiga!... Amava; e era, ou julgava ser, amado.

— Bem dito.

— Que podia o ouro acrescentar à sua felicidade? Nada. Contudo, o ministro insistia. Tinha de se decidir, tinha de se abrir com a Senhora Reymer. Cheguei a casa dele precisamente no fim dessa cena lastimável. O pobre Tanié desfazia-se em lágrimas. «Então que tendes, meu amigo?», disse-lhe eu. Disse-me ele soluçando: «É aquela mulher!» A Senhora Reymer trabalhava tranquilamente num tear de tapeçaria. Tanié ergueu-se de repente e saiu. Eu fiquei sozinho com a sua amiga, que não deixou de me pôr ao corrente daquilo a que chamava o desatino de Tanié. Exagerou-me a parcimónia da sua situação; introduziu no seu discurso toda a arte com que um espírito perspicaz sabe dissimular os sofismas da ambição. «De que se trata? De uma ausência de dois ou três anos, quando muito. — É muito tempo para um homem que amais, e que vos ama como ele vos ama. — Mas será que me ama? Amasse-me ele, e não hesitaria em fazer-me a vontade. — Mas, minha senhora, porque não o acompanhais? — Eu? Eu não vou; e, extravagante como é, ele nem sequer se lembrou de

12 mo propor. Duvidará de mim? — Não acredito. —

Depois de o ter esperado doze anos, bem pode ficar tranquilo quanto à minha boa-fé por dois ou três. É que, meu caro senhor, trata-se de uma daquelas ocasiões singulares que apenas surgem uma vez na vida; e não quero que ele venha um dia a arrepender-se e que porventura me censure por tê-la deixado escapar. — Tanié nada lamentará desde que tenha a felicidade de vos agradar. — Isso é muito correcto; mas podeis estar certo de que ficará muito contente por ser rico quando eu for velha. A singularidade das mulheres é nunca pensarem no futuro; mas não é a minha...» O ministro estava em Paris. Da rua Sainte-Marguerite até ao seu palácio era um passo. Tanié tinha ido lá e comprometera-se. Regressou de olhos secos mas de alma angustiada. «Minha senhora, disse-lhe ele, estive com o Senhor de Maurepas; ele tem a minha palavra. Eu irei, irei; e ficareis contente. — Ah!, meu amigo!...» A Senhora Reymer afasta o tear, corre para Tanié, lança-lhe os braços à roda do pescoço, cumula-o de carícias e de doces palavras. «Ah!, desta vez é que vejo que vos sou cara». Tanié respondia-lhe friamente: «Quereis ser rica».

— Já o era, a velhaca, e dez vezes mais do que merecia...

— «...E haveis de o ser. Já que é o ouro que amais, terei de ir buscar-vos ouro». Era uma terça-feira; e o ministro fixara a sua partida para sexta, sem demora. Fui apresentar-lhe as minhas despedidas no momento em que ele lutava contra si mesmo, em que tratava de se arrancar dos braços da bela, indigna e cruel Reymer. Era uma desordem de ideias, um desespero, uma agonia, como nunca vi segundo exemplo. Não era um queixume; era um longo grito. A Senhora Reymer ainda estava na cama. Segurava-lhe uma das mãos. Ele não parava de dizer e repetir: «Mulher cruel! mulher cruel! De que mais precisas tu, além da abastança de que gozas e de um amigo, de um amante como eu? Fui-lhe buscar fortuna às regiões ardentes da América; e quer agora que outra vez lha vá buscar entre os gelos do Norte. Meu amigo, sinto que esta mulher é louca; sinto que sou um insensato; mas não me é tão horroroso morrer como contristá-la. Queres

que eu te deixe; vou deixar-te». Estava de joelhos junto da cama, com a boca colada à sua mão e o rosto oculto nas cobertas que, abafando-lhe o murmúrio, ainda o tornava mais triste e assustador. A porta do quarto abriu-se; ergueu bruscamente a cabeça e viu o postilhão que vinha anunciar-lhe que os cavalos estavam atrelados. Soltou um grito e tornou a esconder o rosto nas cobertas. Após um momento de silêncio, ergueu-se e disse à sua amiga: «Beijai-me, senhora; beijai-me mais uma vez, porque não mais me vereis». O seu pressentimento era mais que verdadeiro. Partiu. Chegou a Petersburgo, e três dias depois foi atacado por uma febre de que morreu ao quarto dia.

— Eu sabia de tudo isso.

— Fostes acaso um dos sucessores de Tanié?

— Como dizeis; e foi com essa bela abominável que transtornei os meus negócios.

— Pobre Tanié!

— Pessoas há no mundo que lhe chamarão tolo.

— Não o defenderei; mas desejarei do fundo do meu coração que o mau destino de tais pessoas as dirija para uma mulher tão bela e tão artificiosa como a Senhora Reymer.

— Sois cruel nas vossas vinganças.

— E depois, se há mulheres más e homens muito bons, também há mulheres muito boas e homens muito maus; e o que vou acrescentar não é um conto, como não o é o que antes disse.

— Estou certo disso.

— O Senhor de Hérouville...

— O que ainda é vivo? O tenente-general dos exércitos do rei? O que se casou com aquela encantadora criatura chamada Lolotte?

— Esse mesmo.

— É um homem galante, amigo das ciências.

— E dos sábios. Ocupou-se longo tempo de uma história geral da guerra em todos os séculos e em todas as nações.

14 — Vasto projecto.

— Para o realizar rodeara-se de alguns jovens de méritos distintos, como o Senhor de Montucla, o autor da *História da Matemática*.

— Diabo! Tinha muitos dessa força?

— Mas um chamado Gardeil, o herói da aventura que vou contar-vos, em nada lhe ficava atrás. Uma paixão comum pelo estudo da língua grega criou uma ligação entre Gardeil e eu, que o tempo, a reciprocidade dos conselhos, o gosto pelo recolhimento, e sobretudo a facilidade de nos vermos, levaram a uma intimidade bastante grande.

— Moráveis então na Estrapade.

— E ele na rua Sainte-Hyacinthe, e a sua amiga, a Menina da La Chaux, na praça Saint-Michel. Cito-lhe o nome porque a pobre infeliz já não é viva; porque a sua vida não pode deixar de honrar esse nome em todos os espíritos bem formados e merecer-lhe a admiração, o pesar e as lágrimas dos que a natureza tenha favorecido ou castigado com uma pequena porção da sensibilidade da sua alma.

— Ouço-vos a voz entrecortada, e creio que chorais.

— Parece-me que estou ainda a ver-lhe os grandes olhos negros, brilhantes e doces, e que o som da sua voz tocante ressoa aos meus ouvidos e me perturba o coração. Criatura encantadora! Criatura única! Já não existes! Há mais de vinte anos que não existes; e aperta-se-me o coração ao recordar-te.

— Amaste-la?

— Não. Oh, La Chaux! Oh, Gardeil! Fostes uma e outro dois prodígios; uma, da ternura da mulher; outro, da ingratidão do homem. A Menina de La Chaux era de uma família honesta. Deixou os pais para se lançar nos braços de Gardeil. Gardeil nada tinha, e a Menina de La Chaux gozava de alguns bens; e tais bens foram inteiramente sacrificados às necessidades e fantasias de Gardeil. E não lamentou nem a sua fortuna dissipada, nem a sua honra envilecida. O seu amante era tudo para ela.

— Esse Gardeil era então muito sedutor, muito agradável, não?

— De modo algum. Um homenzinho rude, taciturno e cáustico; rosto seco, pele baça; em suma, uma figura esguia e insignificante; feio, se um homem o pode ser com a fisionomia do espírito.

— E aí está como fez perder a cabeça a uma jovem encantadora!

— E isso surpreende-vos?

— Sempre.

— A vós?

— A mim.

— Mas então já não vos recordais da vossa aventura com a Deschamps e do profundo desespero em que caístes quando essa criatura vos fechou a porta?

— Deixemos isso; continuai.

— Dizia-vos eu: «Então ela é muito bonita?» E vós respondíeis-me tristemente: «Não. — Então tem muito espírito? — É uma parva. — São então os talentos dela que vos atraem? — Talentos, tem só um. — E qual é esse raro, esse sublime, esse maravilhoso talento? — É o de me fazer feliz nos seus braços como nunca o fui nos braços de qualquer outra mulher». Mas a Menina de La Chaux, a honesta, a sensível Menina de La Chaux estava votada secretamente, por instinto, sem o saber, à felicidade que vós conhecíeis e que vos fazia dizer da Deschamps: «Se esta infeliz, se esta infame teimar em me expulsar dos seus aposentos, pego numa pistola e estoiro os miolos na sua antecâmara». Dissestes isto ou não?

— Disse-o; e ainda agora não sei por que o não fiz.

— Concordai então.

— Concordo com tudo o que vos agradar.

— Meu amigo, o mais sensato de nós pode dar-se por muito feliz por não ter encontrado a mulher, bonita ou feia, espirituosa ou tola que o enlouqueceria a ponto de o meter no manicómio. Devemos lamentar muito os homens, e sobriamente censurá-los; olhemos os nossos anos passados como outros tantos momentos furtados à

maldade que nos persegue; e só tremendo pensemos na violência de certos atractivos da natureza, sobretudo para as almas quentes e para as imaginações ardentes. A faísca que cai fortuitamente sobre um barril de pólvora não produz efeito mais terrível. Já está talvez erguido o dedo prestes a sacudir para cima de vós ou de mim essa fatal faísca.

O Senhor de Hérouville, cioso de acelerar a sua obra, extenuava de cansaço os seus colaboradores. A saúde de Gardeil alterou-se com isso. Para lhe aliviar a tarefa, a Menina de La Chaux aprendeu hebraico; e, enquanto o seu amigo descansava, ela passava uma parte da noite a interpretar e transcrever trechos de autores hebreus. Chegou o tempo de analisar os autores gregos; a Menina de La Chaux apressou-se a aperfeiçoar o seu conhecimento dessa língua, de que já tinha algumas luzes: e, enquanto Gardeil dormia, estava ela ocupada a traduzir e a copiar passagens de Xenofonte e de Tucídides. Ao conhecimento do grego e do hebraico juntou o do italiano e do inglês. Chegou a dominar o inglês ao ponto de traduzir para francês os primeiros ensaios da metafísica de Hume; obra em que a dificuldade da matéria aumentava infinitamente a do idioma. Quando o estudo lhe esgotava as forças, divertia-se a fazer música. Quando receava que o tédio se apoderasse do seu amante, cantava. Não estou a exagerar nada, invoco o testemunho do Senhor Le Camus, doutor em medicina, que a consolou nos seus sofrimentos e socorreu na indigência; que lhe prestou constantes serviços; que a acompanhou numa mansarda para onde a pobreza a relegara e que lhe fechou os olhos quando morreu. Mas estou a esquecer uma das suas primeiras infelicidades, que foi a perseguição que teve de sofrer da parte de uma família indignada por uma ligação pública e escandalosa. Usaram a verdade e a mentira para disporem da sua liberdade de modo infamante. Os pais e os padres perseguiram-na de bairro em bairro, de casa em casa, e obrigaram-na a viver vários anos sozinha e escondida. Passava os dias a trabalhar para Gardeil. Nós aparecíamos-lhe à noite; e com a presença do seu

amante toda a sua tristeza e toda a sua inquietação se desvaneciam.

— Ora!, sendo jovem, pusilânime e sensível, era feliz no meio de tantas adversidades.

— Feliz! Sim, só deixou de o ser quando Gardeil foi ingrato.

— Mas é impossível que a ingratidão tenha sido a recompensa de tantas qualidades raras, de tantas provas de ternura, de tantos sacrifícios de toda a espécie!

— Estais enganado, Gardeil foi ingrato. Um dia, a Menina de La Chaux viu-se sozinha neste mundo, sem honra, sem fortuna, sem apoio. Minto-vos: eu vali-lhe durante algum tempo. E o doutor Le Camus valeu-lhe sempre.

— Ah, os homens, os homens!

— De quem estais a falar?

— De Gardeil.

— Estais a ver o homem mau e não vedes mesmo ao lado o homem de bem. Nesse dia de dor e desespero ela correu a minha casa. Era de manhã. Estava pálida como a morte. Só sabia da sua sorte desde a véspera e apresentava a imagem dos longos sofrimentos. Não chorava, mas via-se que tinha chorado muito. Atirou-se para um cadeirão. Não falava, não era capaz de falar. Estendia-me os braços e ao mesmo tempo soltava gritos. «Que se passa?, disse-lhe eu. Ele morreu?... — Pior que isso: ele já não me ama e abandona-me...»

— Continue.

— Não sou capaz; estou a vê-la, a ouvi-la, e os olhos enchem-se-me de lágrimas. «Ele já não vos ama?... — Não. — Abandona-vos! — Isso mesmo. Depois de tudo o que eu fiz!... Senhor, turva-se-me a cabeça; tende piedade de mim, não me deixeis... sobretudo, não me deixeis...» Ao mesmo tempo que pronunciava estas palavras agarrara-me os braços, apertando-os com força, como se tivesse ali ao pé alguém que ameaçasse arrancá-la de lá e arrastá-la... «Nada receeis, menina. — Só a mim receio. — Que há a fazer por vós? — Antes de mais, salvar-me de mim própria... Ele já não me

18 ama! Eu canso-o! E deixa-me! Deixa-me!» A esta

palavra repetida seguiu-se um silêncio profundo; e a este silêncio, as gargalhadas de um riso convulsivo, mil vezes mais assustador que as vozes do desespero ou que o estertor da agonia. Vieram depois lágrimas, gritos, palavras inarticuladas, olhares fitos no céu, lábios trementes, uma torrente de dores que era forçoso deixar correr; e foi o que fiz: só comecei a dirigir-me à sua razão quando lhe vi a alma quebrada e paralisada. Continuei então: «Assim, ele odeia-vos, deixa-vos! E quem vos disse isso? — Ele. — Vamos, menina, um pouco de esperança e de coragem. Ele não é um monstro... — Vós não o conheceis; ides conhecê-lo. É um monstro como outro não existe, como nunca existiu. — Não posso crer. — Ides ver. — Terá outro amor? — Não. — Não lhe destes vós alguma razão de suspeita, de descontentamento? — Nenhuma, nenhuma. — Então que foi? — A minha inutilidade: não tenho mais nada, já não sirvo para nada. A sua ambição: ele sempre foi ambicioso. A perda da minha saúde, e a dos meus encantos: tanto sofri e tanto me cansei. O tédio, o fastio. — As pessoas deixam de ser amantes, mas permanecem amigas. — Eu tornei-me um objecto insuportável; a minha presença pesa-lhe, ver-me aflige-o e magoa-o. Se soubésseis o que ele me disse! Sim, meu caro senhor, disse-me que, se fosse condenado a passar vinte e quatro horas comigo, se atiraria pela janela. — Mas uma tal aversão não é obra de um momento. — Sei lá! Ele é naturalmente tão desdenhoso!, tão indiferente!, tão frio! É tão difícil ler no fundo de almas assim! E repugna-nos tanto ler a nossa sentença de morte! Ele pronunciou-ma, e com que dureza! — Não entendo nada. — Tenho uma mercê a pedir-vos, e por isso vim: ireis conceder-ma? — Seja ela qual for. — Ouvi. Ele respeita-vos; vós sabeis tudo o que ele me deve. Provavelmente iria corar de vergonha de se mostrar a vós tal qual é. Não, não acredito que tenha cara nem força para tal. Eu não passo de uma mulher, e vós sois um homem. Um homem terno, honesto e justo seduz. Vós haveis de o seduzir. Dai-me o braço e não vos recuseis a acompanhar-me a casa dele. Quero falar-lhe diante de vós. Quem sabe o efeito que a minha dor e a vossa

presença terão sobre ele! Ireis acompanhar-me? — Prontamente. — Vamos...»

— Receio bem que a dor e a presença dela não dêem resultado. A repulsa! A repulsa é terrível coisa em amor, e mais ainda a repulsa por uma mulher!...

— Mandei vir uma cadeirinha com carregadores, porque ela não estava muito em estado de caminhar. Chegamos a casa de Gardeil, àquela grande casa nova, a única do lado direito na rua Hyacinthe para quem entra pela praça Saint-Michel. Chegados lá, os carregadores param; abrem a portinhola. Eu espero. Ela não sai. Aproximo-me e vejo uma mulher tomada por um tremor total; os dentes batiam-lhe como nos calafrios da febre; os joelhos chocavam um no outro. «Um momento, caro senhor; peço-vos perdão; não sou capaz... Que vou eu lá fazer? Incomodei-vos nas vossas ocupações inutilmente, e estou desolada por isso; peço-vos perdão...» Entretanto, eu estendia-lhe o braço. Ela agarrou-o, tentou erguer-se, mas não pôde. «Mais um momento, meu senhor, disse-me ela; estou a incomodar-vos, estais pagando pelo meu estado...» Por fim, sossegou um pouco e, ao sair da cadeirinha, acrescentou em voz baixa; «Tenho de entrar; tenho de o ver. Quem sabe?, talvez morra lá...» Atravessou-se o pátio; eis-nos à porta do apartamento; eis-nos no gabinete de Gardeil. Ali estava ele sentado à secretária, de roupão e barrete de dormir. Cumprimentou-me com um gesto da mão e continuou o trabalho que começara. Depois encaminhou-se para mim e disse-me: «Haveis de concordar, caro senhor, que as mulheres são muito incômodas. Apresento-vos mil desculpas pelas extravagâncias desta menina». A seguir, dirigindo-se à pobre criatura, que estava mais morta que viva, disse: «Menina, que quereis mais de mim? Parece-me que, depois do modo claro e preciso como me expliquei, tudo deve estar acabado entre nós. Disse-vos que já não vos amava; disse-vo-lo a sós; aparentemente, o vosso desígnio é que vo-lo repita diante deste senhor. Pois bem, menina: eu já não vos amo. É um sentimento extinto no meu coração, o amor por vós; e acrescentarei, se tal vos pode consolar, o amor por qualquer

outra mulher. — Mas dissei-me por que é que já não me amais? — Não sei; tudo o que sei é que comecei sem saber porquê e que cessei sem saber porquê; e que é impossível que aquela paixão regressasse. Foi uma loucura da mocidade da qual penso estar perfeitamente curado, e com tal me congratulo. — Quais são os meus defeitos? — Não tendes nenhum. — Tereis acaso alguma secreta objecção a fazer ao meu comportamento? — Nenhuma; fostes a mulher mais constante, mais honesta, mais terna que um homem pode desejar. — Omiti eu algo que estivesse na minha mão fazer? — Nada. — Não sacrifiquei eu por vós os meus pais? — É verdade. — E a minha fortuna? — Vivamente o lamento. — A minha saúde? — Possivelmente. — A minha honra, a minha reputação, o meu repouso? — Tudo o que quiserdes. — E assim vos sou odiosa! — É duro de dizer, duro de ouvir, mas se assim é, temos de aceitar. — Sou-lhe odiosa!... Sinto-o, e outra opinião não tem de mim!... Odiosa! Ó deuses!...» A estas palavras, uma palidez mortal se lhe espalhou pelo rosto. Os lábios perderam a cor. As gotas de um suor frio que se lhe formava nas faces misturavam-se com as lágrimas que lhe desciam dos olhos. Estes estavam fechados. A cabeça descaiu-lhe para as costas da cadeira, os dentes cerraram-se. Todos os seus membros estremeciam, e a este estremecer seguiu-se um desfalecimento que me pareceu o cumprimento da esperança que concebera à porta daquela casa. A duração daquele estado acabou por assustar-me. Tirei-lhe o mantelete; desapertei-lhe os atilhos do vestido, soltei-lhe os das saias e lancei-lhe algumas gotas de água fresca no rosto. Os olhos reabriram-se um pouco, fez-se-lhe ouvir um murmúrio surdo na garganta. Queria dizer: Sou-lhe odiosa, mas apenas articulava as últimas sílabas da palavra; soltou depois um grito agudo. As suas pálpebras baixavam, e voltava o desfalecimento. Gardeil, friamente sentado no seu cadeirão, de cotovelo apoiado na mesa e de cabeça assente na mão, olhava para ela sem emoção e deixava que fosse eu a tratar de a socorrer. Eu disse-lhes várias vezes: «Senhor Gardeil, ela está a morrer... É preciso chamar alguém». Ele respondeu-me sorrindo e encolhendo **21**

os ombros: «As mulheres têm vida dura, não morrem por tão pouco. Isto não é nada, vai passar. Não as conheceis: fazem do corpo tudo o que querem... — Ela está a morrer, digo-vos eu». Efectivamente, o corpo dela estava como que sem forças e sem vida, escorregava do cadeirão e teria caído no chão à direita ou à esquerda se eu não a tivesse segurado. Entretanto, Gardeil erguera-se de repente e, passeando pela casa, dizia num tom de impaciência e de irritação: «Teria dispensado esta cena desagradável. Mas espero bem que seja a última. Contra quem, diabo, está esta criatura? Amei-a; por mais que bata com a cabeça nas paredes, não foi nem mais nem menos que isso. Já não a amo, e ou ela o sabe agora, ou nunca o saberá. Está tudo dito... — Não, caro senhor, não está tudo dito. Achais então que um homem de bem não faz mais que despojar uma mulher de tudo o que ela tem e deixá-la? — Que quereis que eu faça? Sou tão pobre como ela. — Que quero eu que façais? Que associeis a vossa miséria àquela a que a haveis reduzido. — Isso é bom de dizer. Ela não ficaria melhor e eu ficaria muito pior. — O mesmo faríeis com um amigo que tudo vos tivesse sacrificado? — Um amigo! Um amigo! Não tenho grande fé nos amigos; e esta experiência ensinou-me a não ter nenhuma nas paixões. Contrista-me não o ter sabido mais cedo. — E é justo que esta infeliz seja a vítima do erro do vosso coração? — E quem vos disse que, um mês ou um dia mais tarde, não teria sido eu vítima, com igual crueldade, do erro do coração dela? — Quem me disse? Tudo o que ela fez por vós e o estado em que a vedes. — O que ela fez por mim!.. Oh, por amor de Deus!, isso está pago integralmente com a perda do meu tempo. — Ah, senhor Gardeil, que comparação essa entre o vosso tempo e todas as coisas sem preço que lhe arrebatastes! — Nada fiz, nada sou, e tenho trinta anos; é agora ou nunca tempo para pensar em mim e para avaliar essas tolices pelo seu justo valor...»

Entretanto, a pobre menina recobrou um pouco do conhecimento. Ouvindo estas últimas palavras, continuou com bastante vivacidade: «Que disse ele da perda do

seu tempo? Eu aprendi quatro línguas para o aliviar dos seus trabalhos; li um milhar de volumes; escrevi, traduzi, copiei durante dias e noites; esgotei as minhas forças, gastei os olhos, queimei o sangue; contraí uma desagradável doença, de que talvez nunca venha a curar-me. A causa da sua repulsa, não se atreve ele a confessá-la; mas ides conhecê-la». Bruscamente, arranca o lenço do pescoço, tira para fora do vestido um dos braços e põe o ombro a nu. E, mostrando-me uma mancha erisipelosa, diz-me: «Aqui está a razão da mudança dele, aqui está; aqui está o efeito das noites que não dormi. Ele chegava de manhã com os seus rolos de pergaminho. O Senhor de Hérouville, dizia, tem muita pressa em saber o que está aqui. Era preciso que aquela tarefa fosse feita no dia seguinte; e era-o...» Nesse momento não ouvimos os passos de alguém que avançava para a porta; era um criado que anunciava a chegada do Senhor de Hérouville. Gardeil empalideceu. Eu convidei a Menina de La Chaux a compor-se e a retirar-se... «Não, disse ela; não, eu fico. Quero desmascarar o indigno. E esperarei pelo Senhor de Hérouville, e falarei com ele. — De que servirá isso? — De nada, respondeu-me ela; tendes razão. — Amanhã estaríeis arrependida. Deixai-o com todos os seus erros; é uma vingança digna de vós. — Mas será digna dele? Não vedes que aquele homem não é... Vamos embora, caro senhor, vamos depressa; porque não sou capaz de responder nem pelo que faria nem pelo que diria...» A Menina de La Chaux remediou num abrir e fechar de olhos a desordem em que esta cena pusera as suas roupas e saíu como uma flecha do gabinete de Gardeil. Eu segui-a e ouvi a porta que se fechava violentamente atrás de nós. Soube depois que tinham dado ao porteiro os seus sinais.

Acompanhei-a a casa, onde fui encontrar o doutor Le Camus, que estava à nossa espera. A paixão que ele concebera por aquela jovem pouco diferia da que ela sentia por Gardeil. Narrei-lhe a nossa visita; tudo por entre os sinais da sua cólera, da sua dor, da sua indignação...

— Não era muito difícil distinguir-lhe na cara que o nosso pouco êxito não lhe desagradava muito.

— É verdade.

— Eis o homem. Não é melhor que isso.

— Esta ruptura foi seguida de uma doença violenta, durante a qual o bom, o honesto, o terno e dedicado doutor lhe prestava cuidados que não teria com a maior dama de França. Vinha três e quatro vezes por dia. Enquanto houve perigo, dormiu no quarto dela numa cama de campanha. Nas grandes tristezas uma doença é uma felicidade.

— Aproximando-nos de nós mesmos, afasta a recordação dos outros. E depois é um pretexto para nos afligirmos sem indiscrição e sem constrangimento.

— Essa reflexão, aliás certa, não era aplicável à Menina de La Chaux.

— Durante a sua convalescença, organizámos-lhe a ocupação do tempo. Ela tinha espírito, imaginação, gosto, conhecimentos mais do que necessários para ser admitida na Academia das Inscrições e das Belas-Letras. Tanto nos ouvira falar de metafísica, que as matérias mais abstractas se lhe tinham tornado familiares; e a sua primeira tentativa literária foi a tradução dos *Ensaíos sobre o Entendimento Humano* de Hume. Revi-a eu, e na verdade ela deixara-me bem pouca coisa a rectificar. Essa tradução foi impressa na Holanda e bem recebida pelo público.

A minha *Carta sobre os Surdos-Mudos* foi publicada quase ao mesmo tempo. Algumas observações muito perspicazes que ela me propôs deram lugar a uma adenda que lhe foi dedicada. Essa adenda não é do pior que produzi.

A alegria da Menina de La Chaux tinha regressado um pouco. O doutor convidava-nos às vezes para comermos com ele, e esses jantares não eram muito tristes. Depois do afastamento de Gardeil, a paixão de Le Camus fizera maravilhosos progressos. Um dia, durante uma refeição, à sobremesa, estava ele explicando-se a tal respeito com toda a honestidade, toda a sensibilidade, toda a ingenuidade

24 de uma criança, toda a finura de um homem de espírito,

quando ela lhe disse, com uma franqueza que me agradou infinitamente, mas que a outros provavelmente desagradará: «Doutor, é impossível que a estima que por vós tenho vos possa alguma vez enganar. Sou cumulada dos vossos favores, e seria tão negra como o monstro da rua Hyacinthe se não me deixasse penetrar pelo mais vivo reconhecimento. O vosso feitio agrada-me o mais possível. Falais-me da vossa paixão com tanta delicadeza e graça, que acho que me desgostaria que deixásseis de me falar dela. A simples ideia de perder o vosso convívio ou de ser privada da vossa amizade bastaria para me fazer infeliz. Sois um homem de bem, como nenhum houve nunca. Sois de uma bondade e de uma doçura de carácter incomparáveis. Não creio que um coração possa cair em melhores mãos. Eu de manhã à noite aconselho o meu em vosso favor; mas, por mais que o aconselhe, não lhe dá vontade de fazer o que deve. Nem por isso avanço. E entretanto sofreis; e com isso sinto um cruel desgosto. Ninguém conheço mais digno que vós da felicidade que solicitais, e não sei do que seria capaz para vos fazer feliz. Todo o possível, sem excepção. Olhai, doutor, eu iria... sim, iria até ao ponto de dormir convosco... mesmo até aí. Quereis dormir comigo? É só dizerdes. Eis tudo o que posso fazer para vos servir; mas vós quereis ser amado, e é disso que não sou capaz».

O doutor escutava-a, pegava-lhe na mão, beijava-a, inundava-a de lágrimas; e eu não sabia se devia rir ou chorar. A Menina de La Chaux conhecia bem o doutor; e quando no dia seguinte eu lhe disse: «E se o doutor a tivesse tomado à letra?», respondeu-me: «Teria cumprido a minha palavra. Mas tal não podia acontecer: as minhas ofertas não eram de molde a ser aceites por um homem como ele... — E porque não? Eu, no lugar do doutor, acho que teria confiado em que o resto viria mais tarde. — Sim; mas, se estivésseis no lugar do doutor, a Menina de La Chaux não vos teria feito a mesma proposta».

A tradução de Hume não lhe rendera muito dinheiro. Os holandeses imprimem tudo o que a gente quiser, desde que não paguem nada.

— Felizmente para nós; porque, com os en- **25**

traves levantados ao espírito, se alguma vez se lembrassem de pagar aos autores atraíam a si todo o comércio de livraria.

— Aconselhámos-lhe a que fizesse uma obra de dis-tracção, para que haveria menos honra e mais proveito. E ela nisso se ocupou durante quatro ou cinco meses, passados os quais me trouxe um pequeno romance histórico intitulado *As Três Favoritas*. Tinha leveza de estilo, finura e interesse; mas, sem ela dar por isso, incapaz que era de qualquer malícia, estava povoado de ditos aplicáveis à amante do soberano, a marquesa de Pompadour; e não lhe escondi que, por mais que sacrificasse, suavizando ou suprimindo essas passagens, era quase impossível que a sua obra fosse publicada sem a comprometer, e que o desgosto de estragar o que estava bem não a defenderia de outro desgosto.

Ela sentiu toda a verdade da minha observação e ainda ficou mais aflita. O bom doutor provia a todas as suas necessidades; mas ela usava da sua beneficência com tanta maior reserva quanto menos predisposta se sentia para a espécie de reconhecimento que ele podia esperar. De resto, o doutor, então, não era rico; e não era especialmente apto para o vir a ser. De vez em quando ela retirava o seu manuscrito da pasta e dizia-me tristemente: «Bem, não há maneira de fazer qualquer coisa dele; deixemo-lo estar para aí». Dei-lhe um conselho peculiar, que foi o de enviar a obra tal como estava, sem suavizar, sem alterar, à própria Senhora de Pompadour, com uma cartinha que a pusesse ao corrente do envio. Esta ideia agradou-lhe. Escreveu uma carta encantadora de ponta a ponta, mas sobretudo devido a um tom de verdade a que era impossível resistir. Dois ou três meses passaram sem que ouvisse falar de nada; e considerava a tentativa infrutífera quando um enviado com as insígnias da cruz de São Luís se lhe apresentou em casa com uma resposta da marquesa. Nela, louvava a obra como merecia; agradecia a oferenda; aceitava as alusões e não se ofendia com elas; e convidava a autora a ir a Versailles, onde encontraria uma mulher grata e disposta a prestar-lhe os serviços que dela dependes-

sem. O mensageiro, ao sair da casa da menina de La Chaux, deixou habilmente em cima da chaminé um rolo de cinquenta luíses.

O doutor e eu instámo-la a aproveitar a benevolência da Senhora de Pompadour; mas lidávamos com uma jovem cuja modéstia e cuja timidez igualavam o seu mérito. Como havia de se apresentar lá com os seus trapos? O doutor superou imediatamente esta dificuldade. Depois das roupas vieram outros pretextos, e depois mais pretextos ainda. A viagem a Versailles foi diferida de dia para dia, até quase já não ser conveniente fazê-la. Havia tempo já que não lhe falávamos do assunto, quando o mesmo emissário regressou com uma segunda carta cheia das censuras mais obsequiosas e outra gratificação equivalente à primeira e oferecida com a mesma delicadeza. Esta acção generosa da Senhora de Pompadour não se tornou conhecida. Falei dela ao Senhor Collin, seu homem de confiança e distribuidor das suas mercês secretas. Ele não a conhecia; e apraz-me estar certo de que não é a única que se esconde na sua sepultura.

Foi assim que a Menina de La Chaux por duas vezes perdeu a ocasião de se salvar da adversidade.

Depois disso, mudou a sua residência para um extremo da cidade e perdi-a inteiramente de vista. O que soube do resto da sua vida é que não passou de uma teia de mágoas, de doenças e de miséria. As portas da sua família foram-lhe teimosamente fechadas. Em vão solicitou a intercessão daquelas santas personagens que com tanto zelo a haviam perseguido.

— Isso é conforme à regra.

— O doutor não a abandonou. Morreu na palha, numa mansarda, enquanto o pequeno tigre da rua Hyacinthe, o único amante que teve, exercia medicina em Montpellier ou em Toulouse e gozava, com a maior abastança, da merecida reputação de homem hábil e da usurpada reputação de homem de bem.

— Mas também isso é mais ou menos conforme à regra. Se existe um bom e honesto Tanié, é para uma Reymer que a Providência o remete; se existe uma

boa e honesta La Chaux, virá a caber a um Gardeil, para que tudo se faça pelo melhor.

Mas dir-me-ão acaso que é andar depressa demais o sentenciar definitivamente sobre o carácter de um homem a partir de um só acto; que uma regra tão severa reduziria o número das pessoas de bem ao ponto de as deixar tão poucas neste mundo como no Céu os eleitos do Evangelho do cristão; que se pode ser inconstante em amor e até polvilhar-se de pouca religião com as mulheres, sem por isso ser desprovido de honra e probidade; que ninguém é senhor de deter uma paixão que se inflama nem de prolongar uma que se extingue; que já existem nas casas e nas ruas homens bastantes que merecem com razão o nome de velhacos, sem ser necessário inventar crimes imaginários que os multiplicariam infinitamente. Hão-de perguntar-me se eu nunca traí, nem enganei, nem abandonei uma mulher sem motivo. Quisesse eu responder a estas perguntas e a minha resposta não permaneceria sem réplica, e teríamos uma discussão que só terminaria no juízo final. Mas ponde a mão na consciência e dizei-me, vós, senhor apologista dos enganadores e dos infieis, se tomaríeis como amigo o doutor de Toulouse?... Hesitais? Está tudo dito; e, com isto, peço a Deus que tenha em sua santa guarda toda a mulher a quem vos der a fantasia de endereçardes a vossa homenagem.

Horace Walpole **Dois contos
hieroglíficos**

Tradução de Luísa Costa Gomes

Horace Walpole (1717-1797) nasceu em Londres, filho mais novo de Robert Walpole, que em 1721 viria a ser Primeiro-ministro, cargo em que se manteve durante vinte anos. Frequentava Eton e sairá de Cambridge sem acabar os estudos. No regresso das viagens a França e Itália, é eleito deputado por um círculo da família. Em 1747 aluga em Twickenham a casa a que chamará Strawberry Hill e que pouco a pouco remodelará para a transformar num "pequeno palácio gótico". O Castelo de Otranto, escrito aos quarenta e sete anos, e que ele mesmo classificou de "gótico", lançando a confusão e a irritação entre os críticos, é um dos romances mais influentes dos finais do século XVIII. Os Contos Hieroglíficos, em número de seis, que começou a escrever em 1766, são igualmente inclassificáveis. "O mérito de um conto hieroglífico", consta de nota manuscrita à primeira edição de 1785 — de que fez sete cópias na tipografia de Strawberry Hill — "é ser escrito ex-tempore e sem qualquer plano (...)". Walpole, parecendo não dar muita importância a esta coleção de "bagatelas", revela-se afinal impaciente com o estado a que lhe parecia ter chegado o conto, "sem imaginação, sem diversidade, sem originalidade". A aparente bizarria destes textos revela a perenidade da tradição do nonsense inglês.

I

Um novo divertimento da noite das Arábias

No sopé da grande montanha de Hirgonquíu situava-se antigamente o reino de Larbidel. Os geógrafos, que não tendem a fazer comparações assim tão justas, diziam que se parecia com uma bola de futebol prestes a ser chutada. E assim foi; pois a montanha chutou o reino para o mar, e nunca mais ninguém ouviu falar dele.

Um dia, uma jovem princesa subira ao cume da montanha para colher ovos de cabra, cujas claras, ao que parece, são excelentes para tirar as sardas.

— Ovos de cabra!

— Sim — os naturalistas defendem que todos os seres são concebidos num ovo. As cabras de Hirgonquíu podiam ser ovíparas e punham ovos para serem chocados pelo sol. Isto é suposição minha; não interessa se acredito nisso ou não. Hei-de escrever contra quem e insultar todos os que se opuserem à minha hipótese.

Seria realmente uma linda coisa, se os homens ilustrados fossem obrigados a acreditar no que afirmam.

O outro lado da montanha era habitado por uma nação sobre a qual os Larbidelianos não sabiam mais do que a nobreza francesa sabe da Grã-Bretanha, que pensa ser uma ilha a que, duma maneira ou doutra, se pode chegar por terra. A princesa vagueara até aos confins de Cucurucu, quando se viu de repente agarrada pelos guardas do príncipe que reinava no país. Em poucas palavras, disseram-lhe que ia ser levada à capital para casar com o gigante seu senhor e imperador. Parece que o gigante gostava de ter todas as noites uma nova esposa, que lhe devia contar uma história que durasse até de manhã e ser depois decapitada — estranha forma que alguns têm de passar a noite de núpcias! A princesa, recatadamente, perguntou porque gostava o senhor de histórias tão compridas. O capitão da guarda respondeu que Sua Majestade tinha dificuldade em dormir.

— Bem — disse ela — e se ele não dormir? Até acredito que consigo contar histórias tão compridas como qualquer outra princesa da Ásia. Mais, sou capaz de recitar Leónidas de cor; e o vosso imperador deverá realmente ter muita dificuldade em dormir, se conseguir aguentar isso.

Por esta altura tinham chegado ao palácio. Para grande surpresa da princesa, o imperador, muito longe de ser gigante, só media um metro e cinquenta e dois e meio; mas como era cinco centímetros mais alto do que os seus predecessores, a adulação dos cortesãos concedera-lhe o título de gigante; e ele affectava a pose de olhar de cima para baixo todos os que o ultrapassavam em estatura. Despiram imediatamente a princesa, deitaram-na, estando Sua Majestade impaciente por ouvir uma história nova.

— Luz dos meus olhos, disse o imperador, como vos chamais?

— Eu chamo-me a mim mesma princesa Gronovia, respondeu; mas o meu verdadeiro nome é Frau Gronow.

— E para que serve um nome, disse a Majestade, senão para nos chamarem por ele? E porque vos fazeis passar por uma princesa, se o não sois?

— A minha intenção é romântica, respondeu ela, e sempre tive a ambição de ser heroína de romance. Ora, só há duas condições que dão direito a esse estatuto; ou ser pastora ou princesa.

— Bem, podeis ficar satisfeita, disse o gigante; haveis de morrer imperatriz, sem ser nem uma coisa nem outra! E que razão sublime tivestes para aumentar vosso nome de forma tão inexplicável?

— É costume de família, disse ela; todos os meus antepassados eram homens cultos que escreviam sobre os Romanos. Dava um ar mais clássico e suscitava uma opinião mais elevada da sua literatura que os seus nomes tivessem uma terminação latina.

— Isso para mim é japonês, disse o imperador; mas os vossos antepassados parecem ter sido um bando de charlatães. Ficar-se-á a perceber melhor alguma coisa só por corromper o próprio nome?

— Oh, disse a princesa, mas também mostrava bom gosto. Houve uma altura em que os homens cultos em Itália levaram isto ainda mais longe; e um homem de testa alta, que tivesse nascido a 5 de Janeiro, chamava-se a si mesmo Quintus Januarius Fronto.

— Cada vez mais absurdo, disse o imperador. Pareceis possuir grande quantidade de conhecimentos irrelevantes sobre gente irrelevante; mas continuai a vossa história: donde vindes?

— *Mynheer* — disse ela —, nasci na Holanda

— Mesmo a sério? — perguntou o imperador —, e onde é que isso fica?

— Não ficava em lado nenhum — disse a princesa toda vivaça — até os meus compatriotas a conquistarem ao mar.

— Ora sim senhor, catraia! — disse Sua Majestade; e já agora, quem eram os vossos compatriotas, antes de terdes pátria?

— Sua Majestade faz uma pergunta muito perspicaz — disse ela — a que não posso responder assim de repente; mas vou ali à minha biblioteca, em casa, e consulto cinco ou seis volumes de história moderna, cem ou duzentos dicionários, e uma geografia abreviada em quarenta volumes *in folio*, e volto já.

— Calma aí, vida minha, disse o imperador, não vos podeis levantar a não ser para a execução: agora é uma da manhã, e ainda nem sequer haveis começado a história.

O meu bisavô, continuou a princesa, era um mercador holandês, que passou muitos anos no Japão.

— A que título? — disse o imperador.

— Foi lá abjurar a religião dele — disse ela —, de modo a conseguir dinheiro suficiente para regressar e defendê-la contra Filipe II.

— Que família simpática, disse o imperador; mas embora eu goste de fábulas, detesto genealogias. Sei que em todas as famílias, e são elas próprias que o dizem, nunca houve senão homens grandes e bons de pai para filho; é um género de ficção que não me diverte nada. Nos meus domínios não há nobreza senão a da adulação. Quem me elogiar melhor é tornado nobre e os títulos que confiro são sinónimo dos seus méritos. Há o Lambe-me-as-Botas Cã, o meu favorito; o Cã Adulação, tesoureiro; o Cã Privilégio, chefe da lei; e o Cã Blasfémia, sumo sacerdote. Quem disser a verdade corrompe o seu sangue e é *ipso facto* degradado. Na Europa, deixam que um homem seja nobre porque um dos seus antepassados era um adulator. Mas tudo degenera, à medida que se vai afastando da fonte. Não quero ouvir nem uma palavra sobre a vossa família anterior a vosso pai: quem era ele?

— Foi na auge da controvérsia sobre a bula *Unigenitus*...

— Digo-vos outra vez, interrompeu o imperador, não quero ser incomodado com mais dessa gente com nomes latinos: eram uma cambada de pedantes, e parece que vos infectaram com os disparates deles.

— Lamento — respondeu Gronovia —, que Vossa Sublime Majestade tenha tão pouco conhecimento do estado da Europa, que chegue a confundir uma bula papal com uma pessoa. Unigenitus é o termo latino para Jesuítas.

— E quem diabo são os Jesuítas? disse o gigante. Explicais um termo que não faz sentido por outro igualmente disparatado e ficais toda admirada de eu não perceber.

— Senhor — disse a princesa —, se me permitis que vos faça um breve relato dos problemas que vêm agitando a Europa nestes últimos duzentos anos, sobre as doutrinas da graça, livre arbítrio, predestinação, reprovação, justificação, etc., achá-lo-eis pela certa melhor entretenimento, e menos crível, do que se vos contar uma história de fadas e duendes.

— Sois eterna tagarela — disse o imperador —, e muito convencida; mas falai até ficardes satisfeita, e juro por alma do sagrado Jirigi, que voou para o céu na cauda de uma pega, que assim que o relógio bater as oito, sereis uma mulher morta. Bem, então quem foi o Jesuíta Unigenitus?

— As novas doutrinas surgidas na Alemanha — disse Gronovia —, tornavam necessário que a Igreja olhasse à sua volta. Os discípulos de Loyola...

— De quem? — disse o imperador, bocejando.

— Ignatius Loyola, fundador dos Jesuítas — respondeu Gronovia —, foi...

— Um autor de história romana, suponho — interrompeu o imperador. — Que diabo foram para vós os romanos, que não parais de vos preocupar tanto com eles?

— O império de Roma e a Igreja de Roma são duas coisas distintas — disse a princesa — e,

no entanto, dir-se-ia que um depende da outra, assim como o Novo Testamento depende do Velho. Um destruiu o outro e, no entanto, julga ter direito à sua herança. As temporalidades da Igreja...

— Que horas serão? — perguntou o imperador ao chefe dos eunucos.

— Não deve andar muito longe das oito.

— A mulher deve ter tagarelado pelo menos umas sete horas. A minha esposa de amanhã tem de ser muda, estás-me a ouvir? Corta-lhe a língua antes de ma trazeres para a cama.

— Senhora — disse o eunuco —, Sua Alteza Sublime, cuja erudição ultrapassa em quantidade a areia do mar, conhece bem demais todas as ciências do homem para requerer informação. É por isso que sua exaltada sabedoria prefere relatos do que jamais aconteceu, do que outros sobre história ou teologia.

— Mentos — disse o imperador —, quando excludo a verdade, não quero de forma nenhuma proibir a divindade. Quantas divindades tendes vós na Europa, mulher?

— O Concílio de Trento — respondeu Gronovia — decidiu...

O imperador começou a risonar.

— Quero dizer, continuou Gronovia, que não obstante tudo o que afirmou Padre Paulo, o cardeal Palavicini diz que nas três primeiras sessões desse concílio...

O imperador dormia agora profundamente; apercebendo-se disto, a princesa e o chefe dos eunucos puseram-lhe rapidamente umas quantas almofadas sobre a cara e aí as mantiveram até que expirasse. Assim que tiveram a certeza de que estava morto, assumindo todos os sinais do desespero e do pesar, saíram para o divã, onde ela foi imediatamente proclamada imperatriz. O imperador, segundo anunciaram, morrera de uma cólica hemorroidal; mas para

mostrar o seu cuidado pela memória dele, Sua Magestade Imperial declarou adesão estrita às má-

ximas pelas quais ele governara. E assim, desposou um marido novo todas as noites, mas dispensou-os de lhe contarem histórias e ficava também muito agradada ao conceder a graça de adiar, pelo bom comportamento deles, a subsequente execução. Enviou presentes a todos os homens cultos da Ásia; e eles, por sua vez, não deixaram de a colocar nos píncaros como modelo de clemência, sabedoria e virtude: e embora os panegíricos dos doutos sejam em geral tão desajeitados como excessivos, abalancaram-se a garantir-lhe que os escritos deles seriam tão duradouros como o bronze e que a memória do seu glorioso reinado chegaria à mais remota posteridade.

II

O rei e as suas três filhas

Houve antigamente um rei que tinha três filhas — isto é, teria tido três, se tivesse tido mais uma — mas duma maneira ou doutra, a mais velha nunca nasceu. Era lindíssima, com imenso espírito e falava Francês na perfeição, como afirmam todos os autores da época e, no entanto, nenhum deles pretende que ela tenha existido. É mais que certo que as outras duas princesas não eram belezas nenhuma; a segunda tinha um forte sotaque do Yorkshire e a mais nova mau dentes e só uma perna, o que fazia com que dançasse bastante mal.

Como não era provável que Sua Majestade tivesse mais filhos, indo nos oitenta e sete anos, dois meses e treze dias quando a sua rainha morreu, os estados do reino andavam muito ansiosos por casar as

princesas. Mas havia um grande obstáculo para se chegar a um acordo, embora ele fosse de importância maior para a paz do reino. O rei insistia em que a sua filha mais velha devia casar primeiro; e como tal pessoa não existia, era muito difícil fixarem-se num marido adequado para ela. Os cortesãos aprovaram todos a resolução de Sua Majestade; mas, como até sob os melhores príncipes, haverá sempre um número de descontentes, a nação estava dividida em facções diferentes, os resmungões ou patriotas teimando que a segunda princesa era a mais velha e devia ser declarada herdeira aparente do trono. Escreveram-se muitos opúsculos a favor e contra; mas o partido ministerial dizia que o argumento do chanceler era irrespondível, pois afirmava que a segunda princesa não podia ser a mais velha, já que nenhuma princesa real alguma vez tivera sotaque do Yorkshire. Alguns, ligados à princesa mais nova, aproveitaram este pleito para murmurarem que as suas pretensões à coroa eram as melhores; pois, não havendo princesa mais velha, e se a segunda devia ser a primeira na ausência da primeira e já que não podia ser a segunda se era a primeira e como o chanceler provara que ela não podia ser a primeira, seguia-se simplesmente, por toda a noção de lei, que não podia ser ninguém; e daí a consequência, claro, que a mais nova devia ser a mais velha, se não tinha irmã mais velha.

São inconcebíveis as animosidades e malfeitorias surgidas destes diversos títulos; e cada facção procurava fortalecer-se com alianças estrangeiras. O partido da corte, não tendo objecto real a que ligar o seu empenho, era o mais empenhado de todos e compensava pelo ardor a ausência de fundamentação dos seus princípios. O clero em geral dedicou-se com devoção a este partido, a que se chamou o primeiro partido. Os físicos abraçaram a segunda causa; e os advogados declararam-se pelo terceiro, ou facção da princesa mais nova, porque lhes parecia o mais bem calculado para consentir dúvidas e argumen-

38 tação infundável.

Enquanto a nação se encontrava assim perturbada nesta situação, chegou o príncipe de Quifferiquimini, que teria sido o herói mais perfeito do seu tempo, se não estivesse morto, falasse outra língua para além do Egípcio e não tivesse três pernas. Apesar destas falhas, os olhos da nação inteira viraram-se imediatamente para ele, e cada um dos partidos quis vê-lo casado com a princesa cuja causa defendia.

O velho rei recebeu-o com as honras mais subidas; o senado dirigiu-lhe os discursos mais exagerados; as princesas estavam tão enlevadas, que se tornaram inimigas mais figadais do que nunca; as damas da corte e os peralvilhos inventaram mil novas modas para o imitarem — tudo tinha de ser à la Quifferiquimini. Tanto os homens como as mulheres elegantes deixaram o rouge, para parecerem mais cadavéricos; as vestes eram bordadas com hieróglifos, e todos os feios caracteres que podiam recolher das antiguidades egípcias, com o que eram obrigados a contentar-se, já que é impossível aprender uma língua que se perdeu; e todas as mesas, cadeiras, bancos, armários e cadeirões eram fabricados com apenas três pernas: mas isto passou rapidamente de moda, por ser muito inconveniente.

O príncipe que, desde a sua morte, tivera não mais que uma constituição débil, estava um pouco cansado deste excesso de atenções e muitas vezes se desejava de novo em casa, no seu caixão. Mas a maior dificuldade que sentia era ver-se livre da princesa mais nova que saltitava numa perna só atrás dele para todo o lado e tinha uma admiração tão grande pelas suas três pernas e se sentia tão humilde por ter, ela própria, apenas uma e fazia tantas perguntas acerca do modo como as suas três pernas estavam colocadas que, sendo o homem dotado da melhor natureza deste mundo, condoía-se de cada vez que, num ataque de embirração, deixava escapar uma palavra mais impaciente, que a lançava sempre numa agonia de lágri-

mas; e depois ficava tão feia que lhe era impossível ser razoavelmente bem educado com ela. Não se sentia muito mais inclinado para a segunda princesa. Na verdade, foi a mais velha que conquistou a sua afeição: e a sua paixão aumentou tão violentamente uma terça-feira de manhã, que, quebrando todas as considerações da prudência (porque havia muitas razões que deviam ter determinado a sua escolha em favor de uma das outras duas irmãs), apressou-se a ir ter com o velho rei, deu-lhe conhecimento do seu amor, e pediu a princesa mais velha em casamento. Nada podia igualar a alegria do velho monarca, que apenas desejava viver o suficiente para ver a consumação do enlace. Lançando os braços ao redor do pescoço do esqueleto do príncipe, e regando-lhe as faces côncavas de lágrimas calorosas, concedeu-lhe o que pedia e acrescentou que resignaria imediatamente à coroa em favor do príncipe e da sua filha favorita.

Sou aqui forçado, por falta de espaço, a passar por cima de muitas circunstâncias que aumentariam grandemente a beleza desta história e lamento ter de acabar com a impaciência do leitor dando-lhe a saber que, apesar da muita vontade do velho rei e do ardor juvenil do príncipe, as núpcias tiveram de ser adiadas; declarando o arcebispo que era essencialmente necessário obter uma dispensa papal, sendo as partes aparentadas dentro dos graus proibidos; considerando-se uma mulher que nunca existiu e um homem que existira como primos direitos aos olhos da lei canónica.

Daí surgiu uma nova dificuldade. A religião dos Quifferquiminianos era completamente oposta à dos papistas. Os primeiros acreditavam apenas na graça; e tinham um sumo sacerdote próprio, que pretendia ser o senhor de toda a propriedade livre da graça e em virtude dessa posse podia fazer com que tudo o que não tivesse sido passasse a ter sido e impedir que tudo o que tivesse sido, tivesse de facto sido. Só temos

de, disse o príncipe ao rei, enviar uma embaixada solene ao sumo sacerdote da graça, com uma oferta de cem mil milhões de lingotes e ele fará com que a vossa encantadora não-filha tenha existido e impedirá que eu tenha morrido e não haverá então causa alguma para uma dispensa desse vosso velho tonto de Roma.

— Como assim! Seu ímpio saco-de-ossos-secos ateu!- gritou o velho rei ; quererás tu profanar a nossa santa religião? Não terás nenhuma filha minha, ó esqueleto de três pernas! Vai e sê enterrado e maldito, como deves ser; pois, estando morto, estás para além de todo o arrependimento: mais depressa dava a minha filha a um babuíno, que tem mais uma perna do que tu, que concedê-la a tal cadáver réprobo.

— É melhor dardes a vossa infanta da perna só a um babuíno, disse o príncipe; estão melhor um para o outro. Posso ser cadáver, mas sou preferível a homem nenhum; e quem diabo casaria com a vossa não-filha senão um morto? Quanto à minha religião, vivi e morri nela e não está em meu poder mudá-la agora, mesmo que quisesse. Mas quanto a vós...

Um grande grito interrompeu este diálogo; e o capitão da guarda, precipitando-se para a câmara real, deu conhecimento a Sua Majestade de que a segunda princesa, como vingança pelo desprezo do príncipe, tinha dado a mão a um comerciante de carnes salgadas, que era membro da assembleia dos comuns; e que a cidade, por consideração pelo casamento, proclamara-os rei e rainha, autorizando o rei a manter o título em vida, a que tinham fixado um prazo de seis meses; e ordenando, por respeito para com o seu nascimento real, que o príncipe jazesse imediatamente em seu estado e tivesse um funeral com todas as pompas.

Esta revolução foi tão repentina e tão universal, que todos os partidos a aprovaram, ou foram obrigados a parecer que aprovavam. O velho rei morreu

no dia seguinte, como disseram os cortesãos, de alegria; o príncipe de Quifferquimini foi enterrado apesar do seu apelo à lei das nações; e a princesa mais nova ficou tontinha, e foi encerrada num manicômio, clamando dia e noite por um marido com três pernas.

Franz Kafka **Um artista da fome**

Tradução de José Maria Vieira Mendes

Franz Kafka nasceu a 3 de Julho de 1883 em Praga, filho de pais judeus de língua alemã. Formou-se em Direito e trabalhou a contragosto em duas companhias de seguros. Morreu a 3 de Junho de 1924, ao fim de sete anos de tuberculose. Escreveu *O Artista da Fome* em 1922. Trata-se de um dos poucos escritos de Kafka publicados durante a vida do autor, neste caso na revista *Die neue Rundschau* (Outubro de 1922). Por cruel ironia do destino, nos últimos dias da sua vida, incapaz de comer pelo alastramento da tuberculose à laringe, Kafka revia — diz-se que chorando — as primeiras provas de *O Artista da Fome*. Alucinado, confundindo o seu amigo médico, Robert Klopstock, que se debruçava para ele, com a irmã Elly, Kafka, no pavor de a contagiar, terá dito: “Não te chegues tanto, não te chegues tanto a mim”. A tradição começada pelo amigo Max Brod quer que tenham sido as suas últimas palavras. Apesar da importância que tem para o conhecimento da obra do autor, este conto nunca foi traduzido ou publicado em Portugal. A tradução aqui apresentada foi feita a partir da edição crítica do texto *Ein Hungerkünstler*, publicada pela Fischer Verlag.

O interesse por artistas da fome diminuiu muito nas últimas décadas. Se antigamente a organização por conta própria deste tipo de espetáculos trazia o seu lucro, hoje em dia isso seria absolutamente impossível. Os tempos eram outros. Na altura toda a cidade seguia o artista da fome; a cada dia do seu jejum aumentava a afluência; todos queriam ver o artista da fome ao menos uma vez por dia; nos últimos dias inscreviam-se pessoas para poderem ficar sentadas o dia inteiro em frente à pequena jaula; até durante a noite, à luz de archotes que aumentavam o efeito, apareciam visitantes; em dias de sol trazia-se a jaula para o exterior para que o artista da fome fosse mostrado às crianças; se para os adultos o espectáculo não passava de um divertimento no qual participavam porque estava na moda, as crianças, por seu lado, estarecidas, as bocas abertas, segurando as mãos umas das outras para se sentirem mais seguras, as crianças observavam a palidez do artista da fome, observavam o *maillot* preto por trás da qual sobressaíam poderosas as suas costelas, observavam-no sentado na palha, visto que rejeitava qualquer cadeira, a acenar de tempos a tempos por cortesia, viam-no responder a perguntas com um sorriso forçado, a

mas logo se afundando em si próprio, porque todos lhe eram indiferentes, até mesmo o bater, para ele tão importante, do relógio, única mobília da jaula, limitava-se a olhar em frente, de olhos quase fechados e a bebericar aqui e ali de um minúsculo copito de água para humedecer os lábios.

Além dos diferentes espectadores que iam passando, havia também uns guardas permanentes, normalmente e curiosamente talhantes de profissão, que eram escolhidos pelo público e que tinham por função vigiar o artista da fome dia e noite, e sempre três de cada vez, para que ele não pudesse de maneira nenhuma ingerir qualquer alimento. Isto não passava porém de uma formalidade introduzida para satisfação das massas, dado que os verdadeiros aficionados sabiam perfeitamente que durante o período de jejum o artista da fome nunca, sob quaisquer circunstâncias, nem sequer se a tal fosse forçado, comeria a mais pequena migalha; proibía-o a honra da sua arte. Claro que nem todos os guardas eram capazes de o compreender, havia grupos de vigia nocturna que executavam o seu trabalho de forma desleixada, sentavam-se a jogar às cartas num canto propositadamente afastado com o objectivo de conceder ao artista da fome um pouco de descanso que, pensavam eles, seria por ele utilizado para sacar de umas provisões secretas. Este era o tipo de guardas que mais torturava o artista da fome; entristeciam-no; ficava-lhe muito mais difícil jejuar; por vezes suplantava a sua debilidade e cantava durante todo o tempo que durava a vigília, cantava até não mais poder para mostrar às pessoas como eram injustas as suas suspeitas. Mas isto de pouco lhe servia; os guardas ficavam apenas impressionados com a habilidade do artista da fome que era capaz de comer enquanto cantava. Gostava muito mais daqueles guardas que se sentavam bem junto às grades, e que, não satisfeitos com a sombria luz nocturna da sala, o iluminavam com lanternas eléctricas postas à sua disposição pelo empresário. A forte luz não o incomodava, fosse como

46 fosse não dormia e de qualquer das formas era sempre

capaz de dormir sob qualquer iluminação e a qualquer hora, mesmo numa sala sobrelotada e barulhenta. Estava disposto a passar a noite acordado com esses guardas; estava disposto a divertir-se com eles, a contar-lhes histórias da sua vida nómada e a ouvir também as histórias deles, tudo isso para os manter acordados, para lhes poder mostrar que não guardava nada de comestível dentro da gaiola e que jejuava como nenhum deles era capaz. O maior momento de felicidade chegava contudo com a manhã e com um pequeno-almoço cujo custo era suportado pelo próprio artista da fome e ao qual os guardas se atiravam com o apetite de homens saudáveis após uma longa noite de vigília. Havia apesar de tudo quem quisesse ver neste pequeno-almoço uma tentativa corrupta de subornar os guardas, mas isso já era ir longe demais, e quando lhes perguntavam se, em nome da causa, eram capazes de fazer a vigia da noite sem pequeno-almoço, esquivavam-se na resposta, mantendo porém teimosamente as suas suspeitas.

Esta era aliás uma das várias suspeitas indissociáveis do jejum. Ninguém, por exemplo, era capaz de passar todas as noites e todos os dias a vigiar ininterruptamente o artista da fome e, assim sendo, ninguém podia confirmar com os seus próprios olhos se de facto se tinha jejuado ininterruptamente e sem falhas; apenas o artista da fome o podia confirmar, era ele portanto o único espectador capaz de se satisfazer plenamente com o seu jejum. Contudo, e por uma razão diferente, o artista da fome nunca ficava satisfeito; talvez não tivesse emagrecido por causa do jejum — tanto que havia quem, para seu próprio desconsolo, fosse incapaz de assistir ao espectáculo por não suportar tal visão — mas por causa da insatisfação que sentia consigo mesmo. De facto, só ele sabia, e nem os mais aficionados o sabiam, como era fácil jejuar. Era a coisa mais fácil do mundo. Não o escondia, mas ninguém acreditava, acusavam-no de estar a ser modesto ou, a maior parte das vezes, de querer chamar a atenção ou até mesmo de ser um aldrabão para quem jejuar era fácil

porque encontrara uma maneira fácil de o fazer, um aldrabão que tinha ainda por cima o descaramento de quase o admitir. A tudo isto tinha que se sujeitar e com o passar dos anos acabara mesmo por se habituar, mas esta insatisfação corroía-o por dentro e jamais depois dum período de jejum — e esta verdade tinha que lhe ser concedida —, jamais deixara a jaula de livre vontade. O empresário fixara o tempo máximo de jejum em quarenta dias, após os quais sempre o proibira de jejuar, mesmo nas grandes metrópoles, e isto por uma boa razão. É que durante quarenta dias, e com uma intensificação progressiva da publicidade, conseguia-se normalmente manter o interesse de uma cidade, mas a partir daí o público recuava e a afluência decaía; é claro que havia pequenas diferenças entre as várias cidades e países mas a regra aplicada era a do limite de quarenta dias: Ao quadragésimo dia era então aberta a porta da jaula decorada com flores, uma multidão entusiasmada enchia o anfiteatro, tocava uma banda militar, dois médicos entravam na jaula para tomar as necessárias medidas ao artista da fome, o resultado era anunciado a toda a sala por um megafone e aproximavam-se duas jovens senhoras, todas felizes por terem sido elas as eleitas, e tentavam conduzir o artista da fome para fora da jaula e descer com ele uns degraus até uma mesa onde o esperava uma refeição cuidadosamente seleccionada. E nesta altura o artista da fome protestava sempre. Ainda apoiava de livre vontade os seus braços esqueléticos nas mãos que as senhoras debruçadas lhe estendiam prestavelmente, mas recusava-se a levantar. Porque é que tinha que acabar agora que quarenta dias haviam já passado? Era capaz de aguentar muito mais, aguentava infinitamente; porquê acabar no melhor momento, ou antes mesmo de atingir o melhor momento de jejum? Porque é que o privavam da glória de poder continuar a jejuar, de ser não só o maior artista da fome de todos os tempos, que provavelmente já era, mas de se superar a si próprio, até ao inconcebível, dado que não encontrava limites para a sua capacidade de jejum. Porque é

48 que esta gente que dizia tanto o admirar, porque ti-

nham eles tão pouca paciência; se ele era capaz de suportar o prolongamento do jejum, porque não eram eles também capazes de o fazer? Além disso estava cansado, estava confortavelmente sentado na palha e obrigavam-no a levantar-se e a aproximar-se da comida que só de imaginá-la lhe subiam os vômitos que com esforço continha por respeito para com as senhoras. E olhava para cima, olhava para os olhos das senhoras aparentemente amáveis mas na verdade cruéis e abanava a cabeça demasiado pesada para o fraco pescoço que a sustentava. Acontecia então o que sempre acontecia. O empresário aproximava-se, levantava silencioso — a música não permitia qualquer discurso — os braços por trás do artista da fome como se convidasse o céu a observar a sua obra aqui sentada no meio da palha, este mártir lamentável que o artista da fome era de facto mas num sentido completamente diferente; agarrava o artista da fome pela cintura fina e exagerando o cuidado com que o fazia tentava criar a ilusão de que segurava um objecto altamente delicado; e entregava-o — isto depois de o sacudir um pouco sem que o público o notasse, fazendo com que as pernas e o tronco do artista da fome baloiçassem para um lado e para o outro — às senhoras que entretanto tinham ganho uma palidez de defuntas. Nesta altura o artista da fome já a tudo se submetia; deixara cair a cabeça sobre o peito e era como se se tivesse enrolado sobre si próprio e assim se mantivesse inexplicavelmente; o corpo escavado; as pernas, apertadas uma contra a outra ao nível dos joelhos em instinto de conservação, raspavam o chão como se aquele não fosse o chão verdadeiro, como se ainda procurassem o verdadeiro chão; e todo o peso, peso por sinal levíssimo, do seu corpo repousava sobre uma das senhoras que, à procura de ajuda, a respiração ofegante — não fora assim que imaginara o cargo honorário — começava por endireitar o pescoço o mais possível para evitar que pelo menos o seu rosto tocasse no do artista da fome, mas depois, sentindo que a experiência falhava e que a sua colega, mais feliz, em lugar de a ajudar, se limitava a segurar a medo a mão do artista

da fome, esse pequeno embrulho de ossos, a senhora rompia em lágrimas que escorriam sob as gargalhadas entusiastas da sala até que um funcionário, já há muito preparado para o efeito, dali a levava. Vinha então a comida que o empresário enfiava na boca do artista da fome adormecido numa espécie de sono que mais parecia um desmaio; e ao mesmo tempo que o alimentava, o empresário falava animadamente esforçando-se por desviar a atenção do público do estado em que o artista da fome se encontrava; pedia-se depois ao público um brinde, pedido que teria sido supostamente sussurrado pelo artista da fome ao ouvido do empresário; a orquestra reforçava tudo isto com uma grande fanfarra, as pessoas dispersavam e ninguém tinha o direito de se considerar descontente com aquilo a que acabara de assistir, ninguém, tirando o artista da fome, sempre e apenas ele.

Assim viveu durante muitos anos com pequenas pausas regulares para recuperação, numa aparente glória, admirado pelo mundo mas apesar de tudo quase sempre triste, uma tristeza que crescia por ninguém por ela mostrar qualquer consideração. Mas como é que o podiam consolar? Que mais podia ele desejar? E se por acaso aparecesse uma pessoa de bom coração que o lamentasse e que quisesse explicar-lhe que a sua tristeza provinha muito provavelmente do jejum, podia acontecer, sobretudo quando o jejum ia mais adiantado, que o artista da fome respondesse com um ataque de fúria e que, para susto de todos, começasse a sacudir as grades da jaula como um animal. Para este tipo de situações o empresário dispunha de um castigo de que gostava de fazer uso. Desculpava o artista da fome diante da audiência, admitia que a irritabilidade do artista da fome só poderia ser perdoada por aqueles que em tempos tivessem jejuado, pois para homens bem alimentados ela era incompreensível; referia-se, a propósito, àquela afirmação do artista da fome igualmente incompreensível de que seria capaz de jejuar por muito mais tempo; elogiava a forte ambição, a boa vontade e a grande capacidade de abnegação contidas em tal afir-

mação; procurava todavia logo de seguida refutar a afirmação mostrando fotografias que na altura vendia e onde se via o artista da fome a um quadragésimo dia de jejum deitado numa cama, quase apagado de tão enfraquecido. Esta distorção da verdade, que o artista da fome tão bem conhecia mas que de cada vez que era proferida tanto o enervava, era um castigo demasiado pesado para ele. A consequência de um jejum interrompido antes de tempo era apresentada como a causa da sua interrupção! Era impossível lutar contra esta incompreensão, contra este mundo de incompreensão. Agarrado às grades, ansioso, esforçava-se de boa fé por ouvir as palavras do empresário, mas quando apareciam as fotografias largava de imediato as grades, afundava-se na palha suspirando e o público, já sossegado, podia voltar a aproximar-se e a observá-lo.

As testemunhas destas cenas, quando se punham a recordá-las uns anos mais tarde, encontravam muitas vezes dificuldade em se compreender a si próprias. Isto porque entretanto se deu aquela reviravolta já referida; quase de um dia para o outro; poderiam encontrar-se causas mais profundas, mas quem é que estava interessado em as procurar; certo dia, e isto é o que interessa, o artista da fome mimado viu-se abandonado pela multidão que antes o procurava e que agora visitava outros espectáculos. O empresário arrastou-o mais uma vez por meia Europa na esperança de aqui ou ali ainda encontrar o velho interesse; em vão; como se de um secreto acordo se tratasse, desenvolvera-se uma repulsa geral contra a exposição do jejum. É claro que tal fenómeno não aconteceu de um momento para o outro e que agora, retrospectivamente, as pessoas se lembravam de alguns acontecimentos aos quais na altura não fora dada a devida atenção, indícios que não foram devidamente suprimidos, mas de qualquer das formas já era demasiado tarde para os tentar combater. Havia a certeza de que o jejum voltaria a estar na moda, mas para os que estavam vivos este consolo não servia. O que devia então fazer o artista da fome? Aquele que fora aclamado por milhares de pessoas não se podia agora contentar com umas bar-

racas em pequenas feiras de aldeia, além de que não só era demasiado velho como sobretudo demasiado fanático do jejum para se dedicar a uma outra profissão. Despediu-se assim do empresário, companheiro de um percurso de vida incomparável, e deixou-se contratar por um grande circo; para não ferir a sua sensibilidade, não leu sequer o contrato.

Um circo grande, com um sem número de pessoas e animais e aparatos que se equilibram e completam, pode sempre vir a precisar do que quer que seja que lhe apareça, até mesmo de um artista da fome, desde que as suas exigências sejam modestas, claro está, e para mais contratava-se neste caso, não apenas o artista da fome, mas também o seu velho e conceituado nome, e não se podia sequer afirmar que se tratava, sendo esta uma arte cuja qualidade não era prejudicada pelo avanço da idade, de um artista esgotado, um artista longe do ponto alto das suas capacidades a pretender terminar os seus dias no sossego de um circo, antes pelo contrário, o artista da fome assegurava ser capaz, o que era credível, de jejuar tão bem quanto antes, afirmava inclusivamente que se o deixassem fazer conforme queria, o que lhe prometeram sem reservas, agora sim espantaria finalmente o mundo, uma afirmação que aliás provocou como reacção um sorriso entre os colegas de profissão, visto ignorar a realidade do momento que se vivia e que o artista da fome com o entusiasmo facilmente esquecia.

Mas o artista da fome não tinha perdido por completo a noção das proporções e aceitou com naturalidade o facto de não ser colocado no meio da arena com a sua jaula como atracção principal, mas sim no exterior, junto aos estábulos, num local de passagem de resto bastante concorrido. Para informação do público tinham sido colocados grandes letreiros coloridos à volta da jaula. Quando o público se dirigia aos estábulos para visitar os animais nos intervalos do espectáculo, era quase inevitável que passasse pelo artista da fome e que parasse um pouco à sua frente, e mais tempo

52 ficaria não fosse a pressão, no estreito corredor, da-

queles que, na ânsia de chegar aos estábulos e sem compreenderem porque se parava a meio do caminho, impossibilitavam uma observação mais longa e sossegada. E era por isso que o artista da fome, que começava por desejar aquelas horas de visita que davam sentido à sua vida, passava depois a temê-las. A princípio suportava com dificuldade a espera pelos intervalos do espectáculo; observava deliciado a multidão que se acotovelava ao aproximar-se até se convencer — mesmo o mais obstinado e quase consciente esforço para iludir as evidências acabava por ser incapaz de contrariar os factos — de que a maior parte das vezes o objectivo daquela multidão que por ele passava, quase sempre, sem excepções, era visitar os estábulos. E vê-los ao longe sempre foi o momento mais bonito. Quando a multidão se aproximava, ensurdeciam-no os gritos e as discussões dos dois grupos que se acumulavam constantemente à sua frente, o primeiro — e este viria a ser aquele que o artista da fome mais detestava — que o queria observar confortavelmente, não porque o compreendesse, mas por capricho e teimosia, e o segundo que queria apenas visitar os estábulos. Depois da grande multidão, aproximavam-se uns quantos retardatários e estes, apesar de não estarem impedidos de parar em frente à jaula quanto tempo lhes apetecesse, passavam rapidamente, a passos largos, quase sem olhar, para chegarem a tempo de ver os animais. Era raro o feliz acontecimento de um pai que aparecia com os seus filhos, que apontava com o dedo para o artista da fome e explicava detalhadamente do que se tratava, contava de tempos antigos em que ele assistira a espectáculos semelhantes embora de muito maiores dimensões, e as crianças, que, devido à insuficiente preparação das escolas e da própria vida que levavam, continuavam a pouco perceber do que viam — o que era para eles jejuar? — deixavam porém adivinhar no brilho dos seus olhos curiosos qualquer coisa de novo, de melhores tempos que se aproximavam.

Talvez, dizia então às vezes o artista da fome para si **53**

próprio, talvez tudo melhorasse se a sua jaula não estivesse tão perto dos estábulos. Esta localização tornava a escolha do público demasiado fácil, já para não falar do que sofria com o fedor dos estábulos, o barulho dos animais durante a noite, o transporte da carne crua para as feras e os rugidos durante as refeições que constantemente o oprimiam. Mas não era capaz de apresentar queixa à direcção; além disso deveria estar grato aos animais pela quantidade de visitantes que tinha, entre os quais de quando em vez se encontrava um que a si estava destinado, e quem sabe onde o esconderiam se ele tentasse chamar a atenção para a sua existência, ele que no fundo era apenas um obstáculo no caminho para os estábulos.

Ainda para mais um pequeno obstáculo, um obstáculo cada vez mais pequeno. As pessoas familiarizaram-se com a estranha ideia de, nos dias de hoje, se querer chamar a atenção do público para um artista da fome e esta familiarização foi o veredicto final. Podia jejuar quanto quisesse, e fazia-o, mas já nada o podia salvar, as pessoas não olhavam para ele. Tente-se explicar a arte do jejum! Não é possível explicá-la a quem não a sente. Os bonitos letrados iam ficando sujos e ilegíveis, arrancaram-nos e ninguém se deu ao trabalho de os substituir; o pequeno quadro com o número dos dias de jejum, que em tempos antigos fora diariamente actualizado, já há muito marcava o mesmo número, visto que após as primeiras semanas até esta simples tarefa cansava os funcionários do circo; e apesar de tudo o artista da fome continuava a jejuar como em tempos sonhara, e fazia-o sem esforço como então havia afirmado, embora ninguém lhe contasse os dias, e assim ninguém, nem mesmo o próprio artista da fome, sabia a que ponto chegara a sua proeza, e o seu coração pesava cada vez mais. E quando, de tempos a tempos, um brincalhão qualquer parava em frente à jaula e troçava do número desactualizado no quadro e falava de fraude, dizia-se então a mentira mais estúpida que a indiferença e a maldade mais profunda poderiam

guém, ele trabalhava honestamente, era o mundo que o enganava negando-lhe a sua recompensa.

Muitos mais dias passaram e até isto teve o seu fim. Certo dia um fiscal reparou na jaula e perguntou aos assistentes porque é que se mantinha inutilizada e cheia de palha apodrecida uma jaula tão boa. Ninguém lhe soube responder até que um deles, vendo o quadro com os números, se lembrou do artista da fome. Revolveram a palha com umas forquilhas e encontraram o artista da fome. «Ainda estás a jejuar?» perguntou-lhe o fiscal, «quando é que vais acabar com isso?» «Perdoem-me todos», murmurou o artista da fome; apenas o fiscal de ouvido encostado às grades o conseguiu perceber. «Claro», disse o fiscal e apontou a testa com o dedo para ilustrar aos restantes funcionários o estado do artista da fome, «nós perdoamos-te.» «Sempre quis que vocês admirassem o meu jejum», disse o artista da fome. «Nós admiramo-lo», disse o fiscal em tom conciliador. «Mas não deviam admirá-lo», disse o artista da fome. «Então não o admiramos», disse o fiscal, «mas porque é que não o devemos admirar?» «Porque eu tenho que jejuar, não posso fazer outra coisa», disse o artista da fome. «Olha-me este», disse o fiscal, «então porque é que não podes fazer outra coisa?» «Porque eu», disse o artista da fome, e para que nada se perdesse falou ao ouvido do fiscal com os lábios esticados, como se lhe fosse dar um beijo, «porque não encontrei alimento de que gostasse. Se o tivesse encontrado, acredita que não teria chamado tanto a atenção e que me teria empanturrado como tu e todos.» Foram estas as suas últimas palavras, mas nos seus olhos desfeitos permanecia a convicção, já não orgulhosa mas ainda firme, de que continuava a jejuar.

«Toca a arrumar isto!» disse o fiscal, e enterraram o artista da fome com a palha. Na jaula colocaram uma jovem pantera. Até os mais insensíveis podiam sentir a agradável recuperação que sofrera aquela jaula antes deserta e agora habitada por este animal selvagem que se mexia

com vitalidade de um lado para o outro. Nada lhe faltava. Os guardas traziam-lhe sem grande hesitação as refeições de que o animal gostava; parecia que ele nem sequer sentia saudades da liberdade; aquele corpo nobre, de tal forma dotado que quase estoirava, parecia também trazer consigo a liberdade; parecia que ela se alojara algures nas suas mandíbulas. E a alegria de viver brotava com tal ardor das suas fauces que não era fácil para os espectadores suportá-la. Mas dominavam-se, rodeavam a jaula e não queriam por nada dali sair.

Vladímir Nabókov **O regresso de Tchorb**

Tradução de Luísa Costa Gomes

Vladimir Nabókov nasceu em S. Petersburgo em 1899, primeiro filho de uma família aristocrática, culta e liberal. O pai protagonizava uma das facções da oposição ao Czar, tendo feito parte do Primeiro Governo Provisório; obrigado a evadir-se da Rússia para escapar aos soviets, exilou-se primeiro em Londres e depois em Berlim, onde foi assassinado. Nabókov juntou-se à família em 1922, depois de acabar os estudos em Cambridge. Entre 1923 e 1940, publicou romances, contos, peças, poemas e traduções que o tornaram conhecido na comunidade russa de Berlim. Em 1940 mudou-se com a mulher e o filho para os Estados Unidos onde leccionou literatura russa em várias universidades. Morreu em Montreux, na Suíça, em 1977.

O Regresso de Tchorb foi publicado em duas edições do *Rul'*, um jornal de russos emigrados em Berlim, a 12 e 13 de Novembro de 1925. A versão inglesa de 1932, feita por Gleb Struve, não agradou a Nabókov que traduziu ele próprio o conto do russo para inglês em colaboração com o filho Dmitri, para o integrar em *Details of a Sunset and Other Stories* (1976). Sobre O Regresso de Tchorb escreveu Nabókov que era "um bom exemplo das minhas primeiras construções". Mas, embora precoce, nele se reconhece já o virtuosismo do autor de *Ada* e a excelência da sua escrita. Esta é, que se saiba, a primeira tradução portuguesa. Parte-se da tradução inglesa de Vladimir e Dmitri Nabókov, publicada nas *Collected Stories*, Penguin, 1995.

Os Keller saíram tarde da ópera. Na pacífica cidade alemã, em que até o próprio ar parecia um pouco baço e uma ondulação transversal sombreava delicadamente a catedral aí reflectida há bem mais de sete séculos, Wagner era coisa de ócio apresentada com deleite para empanturrar de música. Depois da ópera, Keller levou a mulher a um bar elegante, afamado pelo seu vinho branco. Já passava da uma da manhã quando o carro deles, irreverentemente iluminado por dentro, seguiu em velocidade pelas ruas sem vida, para os depositar à porta recortada no portão de ferro da pequena mas muito digna casa particular. Keller, um velho alemão entroncado, muito parecido com Oom Paul Kruger, foi o primeiro a descer para o passeio, atravessado pelas sombras espiraladas das folhas que buliam no tremeluzir cinzento do lampião. Por um instante, o peitilho engomado dele e as gotículas de vidro que debruavam o vestido da mulher captaram a luz, enquanto ela desenganchava a perna forte e descia por sua vez do carro. A criada veio ao encontro deles no vestíbulo, transportada ainda pelo momentum das notícias e contou-lhes num sussurro assustado que Tchorb ali estivera. A cara gordinha de Frau Keller, cuja frescura duradoura dalgum modo se adequava

ao seu parentesco com comerciantes russos, estremeceu e corou de agitação.

— Ele disse que ela estava doente?

A criada sussurrou ainda mais depressa. Keller passava a gorda palma pela escova cinzenta do cabelo e um franzir de sobranceiras de homem velho ensombrou-lhe a cara larga e um pouco símia, com o seu lábio superior alto e rugas fundas.

— Recuso-me simplesmente a esperar por amanhã — resmungou entre dentes a Frau Keller, abanando a cabeça enquanto girava pesadamente no mesmo sítio, tentando apanhar a ponta do véu que lhe cobria a peruca ruiva.

— Vamos já para lá. Ai, meu Deus! Não admira que não haja cartas há mais dum mês.

Keller abriu com um murro o chapéu alto e disse no seu russo preciso e ligeiramente gutural: “O homem está louco. Como é que ele se atreve, com ela doente, a levá-la segunda vez para aquele hotel nojento?”

Mas enganavam-se, é claro, ao pensarem que a filha estava doente. Tchorb dissera-o à criada só porque era mais fácil de dizer. De facto, voltara sozinho do estrangeiro e só agora compreendia realmente que, a bem ou a mal, teria de explicar como é que a mulher tinha morrido e porque é que não escrevera aos sogros a contá-lo. Era tudo muito difícil. Como é que ia explicar que queria ter o seu sofrimento todo para ele, sem o manchar com nenhuma substância alheia e sem o partilhar com mais ninguém? A morte dela parecia-lhe uma ocorrência das mais raras, quase inédita; nada, parecia-lhe, podia ser mais puro que uma morte daquelas, causada pelo impacto duma corrente eléctrica, a mesma corrente que, quando despejada em receptáculos de vidro, contém a luz mais pura e mais brilhante. Desde o dia de Primavera em que, na auto-estrada branca a uma dúzia de quilómetros de Nice ela tocara, rindo, o fio descarnado dum poste abatido pela tempestade, o mundo de Tchorb deixara de se parecer

60 com um mundo, retirando-se instantaneamente; e até

o corpo morto que Tchorb carregava nos braços para a aldeia o chocara como algo alheio e desnecessário.

Em Nice, onde ela tivera de ser enterrada, o desagradável padre tuberculoso pressionou-o em vão para que lhe desse pormenores: Tchorb respondia só com um sorriso lânguido. Sentava-se todo o dia na praia de seixos, com pedrinhas coloridas na concha da mão, deixando-as fluir de uma para a outra mão; e depois, de repente, sem esperar pelo funeral, regressou à Alemanha.

Passou, como em marcha atrás, por todos os lugares que tinham visitado juntos durante a viagem de lua-de-mel. Na Suíça, onde tinham passado o Inverno e onde as macieiras estavam agora na sua última florescência, só reconheceu os hotéis. Quanto à Floresta Negra, pela qual tinham vagueado a pé no Outono anterior, o frescor da Primavera não embaragara a memória. E assim como tentara, na praia do sul, encontrar outra vez aquele seixo negro redondo e único com o pequeno cinto branco regular, que ela lhe mostrara na véspera do seu último passeio, também agora ele fazia por visitar todos os itens à beira da estrada que tinham retido o ponto de exclamação dela: o perfil especial duma rocha, uma cabana cujo telhado era uma camada de escamas cinzentas prateadas, um abeto negro e uma ponte pedestre por cima duma torrente branca e algo que se podia ser tentado a considerar uma espécie de prefiguração fatídica : o arco radial duma teia de aranha entre dois fios de telégrafo pontilhados de gotas de cacimba. Ela acompanhava-o: as suas botas pequenas de passo rápido, e as suas mãos nunca paravam de se mexer, de se mexer — para arrancar a folha dum arbusto ou fazer uma festa numa parede rochosa ao passar — mãos ligeiras e risonhas que não tinham descanso. Viu o seu rosto pequeno com sardas densas e escuras e os seus olhos rasgados cujo tom verde pálido era o dos cacos de vidro alisados pela língua das ondas do mar. Pensou que, se conseguisse reunir todas as pequenas coisas em que tinham reparado juntos — se assim

recriasse o passado próximo — a imagem dela se tornaria imortal e a substituiria para sempre. A noite, no entanto, era insuportável. A noite imbuía de súbito terror a sua presença irracional. Praticamente não dormira durante as três semanas de jornada — e agora descia, bastante drogado de cansaço, na estação do comboio, que no Outono passado fora o ponto de partida deles da cidade calma onde a conhecera e se casara com ela.

Seriam umas oito da noite. Por trás das casas, a torre da catedral recortava-se nitidamente a negro contra o fundo duma faixa de pôr do Sol vermelho dourado. Na praça da estação faziam fila os mesmos fiacres decrepitos. O mesmo ardina lançava o seu oco grito crepuscular. O mesmo cão de água preto de olhos apáticos no acto de alçar a magra perna traseira junto a um pilar publicitário, fazendo pontaria directamente para as letras vermelhas dum cartaz que anunciava o *Parsifal*.

A bagagem de Tchorb consistia numa mala e num grande baú castanho amarelado. Um fiacre transportou-o pela cidade. O cocheiro sacudia indolentemente as rédeas, enquanto amparava o baú com a outra mão. Tchorb lembrou-se de que aquela que ele nunca nomeava gostava de andar de fiacre.

Numa viela à esquina da ópera municipal ficava um velho hotel de três andares do género mal-afamado com quartos alugados à semana ou à hora. A tinta negra descamara em padrões geográficos; renda esfiapada fazia de cortinado às janelas manchadas; a inconspícua porta da frente nunca estava fechada. Um criado pálido mas todo despachado guiou Tchorb por um corredor tortuoso que fedia a humidade e couve cozida, até um quarto que Tchorb reconheceu — pelo retrato duma *baigneuse* cor-de-rosa numa moldura de metal dourado por cima da cama — como o mesmo em que ele e a mulher tinham passado a primeira noite juntos. Tudo a divertia nessa altura — o gordo em mangas de camisa que vomitava

mesmo no corredor e o facto de terem por acaso escolhido um hotel tão horrível e a presença dum belo cabelo louro no lavatório; mas o que mais a divertira fora o modo como tinham fugido de casa dela. Logo a seguir a chegarem a casa da igreja, ela correrá ao quarto a mudar-se, enquanto em baixo os convidados se reuniam para o jantar. O pai dela, numa casaca de tecido forte, com um sorriso frouxo na cara de macaco, dava aqui e ali palmadas no ombro e servia copinhos de *brandy*. A mãe levava entretanto, dois a dois, os amigos mais chegados, a inspeccionar o quarto destinado ao jovem casal: com terna emoção, numa voz abafada, apontava o *edredon* colossal, as flores de laranjeira, os dois pares de chinelos prontos a estrear — uns grandes, aos quadrados e outros minúsculos, vermelhos, com pompons — que ela alinhara ao lado da cama, no tapete em que uma inscrição gótica dizia dum lado ao outro “JUNTOS ATÉ AO TÚMULO”. Pouco depois, encaminharam-se todos para os *hors-d'oeuvres* — e Tchorb e a mulher, após a mais breve das consultas, escaparam-se pela porta das traseiras e só na manhã seguinte, meia hora antes do expresso partir, voltaram a aparecer para buscar a bagagem. Frau Keller soluçara toda a noite; o marido, que sempre considerara Tchorb (emigrado russo na miséria e *littérateur*) com desconfiança, amaldiçoava agora a escolha da filha, o custo das bebidas, a polícia local que nada podia fazer. E por diversas vezes ainda, depois da partida dos Tchorb, o velho fora olhar para o hotel na viela por trás da ópera e daí em diante a casa negra e quase sem vista tornou-se-lhe objecto de repulsa e atracção, como a memória dum crime.

Enquanto traziam o baú, Tchorb fitava o quadro cor-de-rosa. Quando a porta se fechou, dobrou-se sobre o malão e abriu a fechadura. Num canto do quarto, por trás duma tira de papel de parede descolada, um rato fez barulho e depois correu como um brinquedo sobre rolos. Tchorb rodou sobressaltado no calcanhar. A lâmpada pendurada do tecto por um fio balançava quase imperceptivelmente

e a sombra da corda deslizava pelo sofá verde e quebrava-se na borda. Dormira naquele sofá na noite de núpcias. Ela, na cama normal, podia ouvir-se respirar com o ritmo regular duma criança. Nessa noite ele beijara-a uma vez — no côncavo da garganta — e fora tudo, quanto a fazerem amor.

O rato atarefava-se de novo. Há pequenos ruídos que são mais assustadores do que tiros. Tchorb deixou o baú em paz e andou para trás e para a frente no quarto um par de vezes. Uma traça embateu na lâmpada com um ping. Tchorb abriu a porta de repelão e saiu.

Enquanto descia, apercebeu-se de como estava cansado e quando se viu no beco, o azul enevoadado da noite de Maio deu-lhe tonturas. Depois de virar para a avenida, andou mais depressa. Uma praça. Um Herzog de pedra. As massas negras do parque. Os castanheiros estavam agora em flor. Nessa altura, fora Outono. Tinha ido dar um longo passeio com ela na véspera do casamento. Como era bom o cheiro terroso, húmido, algo violetado das folhas mortas que juncavam o passeio! Nesses dias encantados cheios de névoa o céu era de um branco sem brilho e a poça pequena que reflectia os ramos no meio do passeio negro parecia uma fotografia mal revelada. As mansões de pedra cinzenta estavam separadas pela folhagem mole e imóvel das árvores que amareleciam, e diante da casa dos Keller as folhas dum choupo que murchava tomaram o tom das uvas transparentes. Vislumbravam-se, também, umas quantas bétulas por trás das grades do portão; a hera abafava solidamente, como um regalo, alguns dos troncos e Tchorb tomou a peito dizer-lhe que a hera nunca trepava pelas bétulas na Rússia e ela disse que os tons cor-de-tijolo das folhas diminutas lhe faziam lembrar manchas de ferrugem tenra em linho engomado. Carvalhos e castanheiros bordejavam o passeio; a casca negra aveludava-se de bolors verdes; de vez em quando soltava-se uma folha,

64 para voar para o outro lado da estrada como um pedaço de papel de embrulho. Ela tentara apanhá-la em voo

com uma pá de criança encontrada junto dum monte de tijolos cor-de-rosa num local em que a estrada estava em obras. Um pouco afastada, a chaminé duma carrinha de trabalhadores lançava fumo cinzento-azulado que vagueava oblíquo e se dissolvia por entre os ramos — e um trabalhador que descansava, de mão na anca, contemplava a jovem, tão leve como uma folha morta, a dançaricar com a pequena pá na mão erguida. Ela saltitava, ela ria-se. Tchorb, curvando um pouco as costas, caminhou atrás dela — e pareceu-lhe que a própria felicidade tinha esse cheiro, o cheiro das folhas mortas.

Agora quase não reconhecia a rua, atravancada com a opulência nocturna dos castanheiros. À frente, tremeluzia um lampião; descaía um ramo sobre o vidro, e algumas folhas na extremidade, saturadas de luz, ficavam completamente translúcidas. Aproximou-se. A sombra da porta recortada no portão de ferro, o seu quadriculado distorcido, lançava-se sobre ele do passeio para lhe emaranhar os pés. Para lá dessa porta, e para lá dum caminho de cascalho sombrio, vislumbra-se, ameaçador, o vulto da fachada da casa familiar, toda às escuras excepto pela luz de uma janela aberta. Dentro desse vazio de âmbar, a criada de quarto estendia numa cama, num amplo movimento de braços, um lençol branco como a neve. Tchorb chamou-a alto e secamente. Ainda tinha a mão a agarrar a grade do portão e o toque orvalhado do ferro contra a palma era a mais vívida de todas as memórias.

A criada já se apressava para ele. Como havia de dizer mais tarde à Frau Keller, o que primeiro a impressionara fora o facto de Tchorb se manter de pé silencioso no passeio apesar de ela ter aberto logo a porta. “Não trazia chapéu” relatou “e a luz do lampião bateu-lhe na testa, e tinha a testa toda suada, e o cabelo estava colado à testa com o suor. Disse-lhe que o senhor e a senhora estavam no teatro. Perguntei-lhe porque é que estava sozinho. Os olhos dele ardiam, os olhos dele aterrorizaram-me, e parecia que não fazia a barba há muito tempo. Disse baixinho: ‘Diz-lhes que ela está doente’”.

E eu perguntei: “Onde é que estão hospedados?”. Ele disse: “No sítio do costume” e depois acrescentou: “Isso não interessa. Volto cá amanhã de manhã”. Sugeri que esperasse — mas ele não respondeu e foi-se embora.

Foi assim que Tchorb regressou à própria fonte das suas memórias, uma prova dolorosíssima e no entanto delectosa que agora chegava ao fim. Faltava apenas uma única noite que devia ser passada na primeira câmara do casamento deles, e pela manhã a prova estaria ultrapassada e a imagem dela tornada perfeita.

Mas enquanto se arrastava para o hotel, subindo a avenida onde em cada banco na escuridão azul se sentavam vagos vultos, Tchorb percebeu de repente, apesar da exaustão, que não seria capaz de dormir sozinho naquele quarto com a sua lâmpada nua e fendas sussurrantes. Alcançou a praça e seguiu penosamente pela avenida principal da cidade — e agora sabia o que havia a fazer. A demanda, no entanto, demorou o seu tempo: esta era uma cidade pacífica e casta e Tchorb desconhecia a ruela secreta em que se podia comprar amor. Só depois de uma hora de vaguear indefeso, que fez com que os seus ouvidos zunissem e os pés ardessem, entrou na viela e aí abordou logo a primeira rapariga que o chamou.

— A noite — disse Tchorb, quase sem descerrar os dentes.

A rapariga inclinou um pouco a cabeça para o lado, balançou a bolsa e respondeu: “Vinte e cinco”.

Ele assentiu. Só muito mais tarde, olhando para ela de relance e sem interesse é que Tchorb reparou com indiferença que era razoavelmente bonita, embora bastante gasta e que o cabelo solto e relativamente curto era louro.

Já tinha estado vários vezes naquele hotel, com outros clientes e o criado pálido, de nariz aquilino, que ia aos escorregões para baixo enquanto eles subiam, piscou-lhe amigavelmente o olho. Enquanto ela e Tchorb seguiam pelo corredor, ouviam, de trás duma porta,

uma cama a ranger, ritmicamente e pesadamente, como se estivessem a serrar um toro ao meio. Umás portas mais à frente, vinha doutro quarto o mesmo rangido monótono e, ao passar, a rapariga olhou para trás, para Tchorb, com uma jovialidade fria.

Fê-la entrar em silêncio no quarto — e imediatamente, ansiando profundamente pelo sono, começou a arrancar o colarinho do peitilho. A rapariga chegou-se muito a ele : “E que tal uma prendinha?” sugeriu, sorrindo.

Como num sonho, distraidamente, Tchorb olhou para ela, enquanto devagar apreendia o que ela queria dizer.

Ao receber as notas, arrumou-as cuidadosamente na bolsa, lançou um suspirozinho leve e roçou-se outra vez contra ele.

— Dispo-me? — perguntou , sacudindo o cabelo.

— Sim, vá para a cama — disse Tchorb entre dentes.

— Dou-lhe mais de manhã.

A rapariga começou a desabotoar à pressa a blusa, deitando-lhe uns olhares de viés, um pouco perplexa com a distração e a desolação dele. Tchorb tirou a roupa rapidamente e sem cuidado, deitou-se na cama e virou-se para a parede.

— Este gosta de coisas esquisitas — conjecturou vagamente a rapariga. Com mãos lentas dobrou a camisa, pô-la na cadeira. Tchorb já dormia profundamente.

A rapariga deambulou pelo quarto. Reparou que a tampa do baú ao pé da janela estava entreaberta; de cócoras, conseguiu espreitar por baixo do rebordo da tampa. Piscando os olhos e estendendo cuidadosamente o braço nu, apalpou um vestido, uma meia de mulher, bocados de seda — tudo isto atirado de qualquer maneira e com um cheiro tão bom que a fez ficar triste.

De repente levantou-se, bocejou, coçou a coxa e tal como estava, só de meias, afastou a cortina. Por trás da cortina a janela estava aberta e podia-se vislumbrar, nas profundezas veludadas, um canto da ópera, o ombro

negro dum Orfeu de pedra recortado no azul da noite e uma faixa de luz ao longo da fachada sombria que se desvanecia oblíqua na escuridão. Ali ao fundo, ao longe, a multidão de negras silhuetas diminutas emergia das portas iluminadas para as camadas semicirculares de degraus, até onde deslizavam carros de faróis tremeluzentes e capotas lisas e brilhantes. Só quando dispersaram e a separação acabou e o brilho desapareceu é que a rapariga correu de novo a cortina. Apagou a luz e deitou-se ao lado de Tchorb. Mesmo antes de adormecer deu por si a pensar que já estivera naquele quarto uma ou duas vezes: lembrava-se do quadro cor-de-rosa na parede.

O sono dela não durou mais duma hora: um uivo terrível, vindo das entranhas, acordou-a. Era Tchorb a gritar. Acordara pouco depois da meia-noite, virara-se de lado, e vira a mulher dele deitada a seu lado. Gritou horrivelmente, com uma força visceral. O espectro branco duma mulher saltara da cama. Quando ela acendera a luz a tremer, Tchorb estava sentado nos cobertores em desalinho, de costas para a parede e via-se, por entre os dedos afastados, um olho a arder com uma chama de loucura. Depois descobriu lentamente a cara e aos poucos reconheceu a rapariga. Com um murmúrio assustado, ela estava a vestir a camisa à pressa.

E Tchorb deu um suspiro de alívio, porque percebeu que a provação acabara. Mudou-se para o sofá verde e sentou-se, abraçando as pernas peludas e contemplando a prostituta com um sorriso sem sentido. Esse sorriso aumentou o terror dela; virou-se, prendeu um último colchete, atou os atacadores das botas, atarefou-se a pôr o chapéu.

Neste momento, veio do corredor o som de vozes e de passos.

Ouvia-se a voz do criado que repetia, num lamento pesaroso: «Mas olhem lá, está uma senhora com ele». E uma voz irada e gutural insistia sempre: «Mas se lhe estou a dizer que é minha filha!».

Os passos pararam à porta. Alguém bateu.

68 A rapariga arrebatou a bolsa de cima da mesa e abriu

a porta com determinação de par em par. À sua frente estava um velho cavalheiro muito espantado num chapéu alto sem lustro, um botão de pérola brilhando no peitilho da camisa. Por cima do ombro dele espreitava a face lacrimosa duma senhora forte de véu na cabeça. Por trás deles, o criado franzino e pálido, esforçava-se em bicos de pés, fazendo uns grandes olhos e gestos largos convidativos. A rapariga percebeu os sinais dele e disparou pelo corredor abaixo, passando o velho, que virou a cara no rasto dela com o mesmo olhar intrigado e depois atravessou a soleira da porta com a companheira. A porta fechou. A rapariga e o criado ficaram no corredor. Trocaram um olhar assustado e curvaram a cabeça para escutar. Mas no quarto só havia silêncio. Parecia incrível que pudessem estar três pessoas lá dentro. Não vinha dali nem um som.

“Não falam”, sussurrou o criado, e levou o dedo aos lábios.

Maria Velho da Costa **O amante do Crato**

Maria Velho da Costa nasceu em Lisboa, em 1938. Coursou Filologia Românica e seguiu o Curso de Grupo-Análise da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria. Foi Presidente da Associação Portuguesa de Escritores entre 1975 e 1978. Leitora no King's College de Londres, Maria Velho da Costa desempenhou posteriormente o cargo de Conselheira Cultural em Cabo Verde entre 1988 e 1991.

A obra de Maria Velho da Costa, iniciada em 1966 com *O Lugar Comum e Maina Mendes* (1969) é uma das mais representativas e singulares do nosso século literário. O seu mais recente romance, *Irene ou o Contrato Social*, é a epítome dessa mescla de experimentação formal, exploração dos insondáveis afectos e atenção obsessiva à contemporaneidade, marca da sua escrita. Poetisa, ensaísta, romancista, contista e dramaturga, Maria Velho da Costa escreveu *O Amante do Crato* para esta edição da Ficções.

Não estou nada certa que isto tenha acontecido, exceção feita à pequena válvula tricúspide a abrir e a fechar, a defender o que era seu, o pascigo de presas rabiadoras, o buraco de frescor debaixo da pedra morna.

São olhos brancos que me vêem, azul aguado. Não conta o seu conto? Prossiga. Não oiça, prossiga. Veja.

Por que hei-de eu contar uma história a um morto?

Morta és tu.

Por acaso ia sendo. Essa é que foi essa.

Não lhe parece estranho que certas memórias de infância estejam assim coalhadas em luz, encapsuladas como aquelas esferas de vidro que ao virar-se cintilam de neve ou de partículas doiradas sobre uma paisagem em miniatura? Podia ser o Escorial, a Torre de Londres, os Montes Apalaches. Um par que dança de pernas para o ar na concha da mão cheia de vidro grosso, dentro do qual paira depois, em descida mansa, uma poalha de estrelas cadentes. Pode ser o Taj Mahal, feito para alumbrar porque navega nos ares à hora da bruma arfante do calor. Isso eu vi. Ou talvez estivesse marejada de choro. Jazigo raro, onde quem sabe só restam que résteas de ossos.

Está-se lá dentro, nas esferas vivas, sem saber para onde se ia, nem de onde se vinha. Para sempre, o que não é exagero nenhum, enquanto a memória veja. Mas suponho que são estas bagas translúcidas que atravessam de sorrisos o cochilar dos velhos e dos meninos que hão-de voltar a ser. Se voltarem. Ele há tanto sítio e lugar e ser de que se está tão certo e seguro em sonhos, que é bem possível que para lá se vá ou de lá se venha. A alma é imortal mas não nos é dado saber aonde se demora.

Pois direi eu que na casa de minha avó Assunta, no Crato, se deu um caso desses cintilantes a que só posso apor o antes e o depois com algum dobar de conjecturas foscas no tempo, que nem lhe tiram, nem lhe acrescentam.

Também é por gentileza que se esquece. Que a vítima se adia. Eu era uma criança gentil. Não partia nada, não mexia em nada. A minha gentileza sempre foi a prevenção dos gritos, dos vergões nas pernas quando regurgitava a sopa. Era habilidade de macaco antes ou depois de saber morder. Como aquele que estava preso pela cinta em Moçambique e a quem tinham tirado os dentes todos com um alicate e não tinha morrido.

Não há ideia que me comova mais que a de voltar a casa e não sei onde fica. Tratam-me bem, isso tratam. Tenho papel e uma caneta sem bico e encorajam-me muito. Não há ideia que te comova, tu não tens ideias, dizias tu quando estavas vivo e não podias parar de respeitar o teu pensamento. Não me interrompas, dizias tu, estou a reflectir. Tal e qual como ela que me mandava lá para dentro para se rir com aqueles dentes todos da minha aflição de estar suja. Eu reflectia se as ervilhas estufadas com ovos escalfados podiam levar bacon porque me tinha esquecido do toucinho, e se seria o mesmo e partia daí para a condição dos porcos. Que é um animal que nunca me deixaram ter, nem sei se pode ser tido com normalidade, porque é supérfluo estimar,

74 de estimação, um animal de abate. Supérfluo, dizias

tu. Anormal, dizia ela, tarada, esta criança é tarada. É assim misturado e informe, o que os meus piores seres me vão dizendo. Cala-te. Agora não sais daí até eu abrir. Abrir quem, abrir o quê? Depois abriram-me e foi bem feito. Tenho a certeza que vi as minhas entranhas nas mãos antes de aprender a morder. E a ler a da princesa que não suportava uma ervilha no colchão. Sinal de sangue frio, azul.

Agora lembro-me. Não me escutavam porque eu era impaciente com o prosseguimento das ideias e então não escutava o que devia fazer: comer, conter-me, escutar naquele momento. Resistia e só acordava para o castigo. Ou seria o contrário. A avó Assunta deixava-me pegar nos leitões de leite, castanhos, e eles encostavam o focinho molhado à cova do meu pescoço. Tinham dois buracos no nariz e uns olhos pequenos e muito amoráveis. Tudo isto são pontos, não são as esferas translúcidas que eu quero escrever.

No Crato era, mas no desvio, que quintal de milho e couves altas a perder de vista, tempo das rosas da alface verde que espantavam do chão, e o cheiro agri-doce da capoeira com os ovos na palha, das coelheiras com as luras de barro onde eu metia a mão sem risco. Que estrada, que arrabalde do Crato? Não sei, nem sei saber.

A casa era muito escura e fresca no andar térreo. Ou escurece-me porque eu só a frequentava no Verão e tão raras vezes e então semicerravam as gelosias e batentes, à maneira do Sul. Cobres brilhavam na sombra, tripeças, esmaltes. Por que não oiço um som?

Eu estava separada do céu e da terra pelas botas de atacador e pela boina de feltro que era obrigada a usar todo o ano, embora não lhe pudesse tocar por minha mão. Havia sempre uma bacia para eu lavar as mãos de tudo, mesmo engelhadas do frio dos córregos, dos baldes de lavadura; tudo imensidões proibidas, puníveis com o assento num banco de buraco, imóvel, ao canto da cozinha. Horas a não ser, até minha avó Assunta me tirar dali, que estava em

sua casa. E não eram as fazendas do Grandella e açúcar mascavado racionado que lhe iam comprar os modos da casa. Criança que não mexe fermenta doença. Minha mãe entrombava e falava do marido que a todos valia. Chorava. Eu gostava de ver avó Assunta rir sem ruído e pôr-lhe um prato de pés de coentrada diante. Ela comia e esquecia-se de mim.

Em feltro e nas cascas dos pêssegos nem eu queria tocar. Ficava convulsa, a dar de ombros e pés. Havia gritos. Não me lembro de ver. Eu era uma criança enfermiça.

Tu bem sabias que eu fora uma criança enfermiça. E às vezes fazia-te pena a minha fadiga com coisas simples como vestir-me, que vestir, pentear-me, comer até ao fim pela minha mão. E rias-te. Como ela, quando eu não podia levantar a criança, o gato pelo rabo. Que mulher doente é mulher para sempre. Que eu não tinha temperamento nem para birras, só ataques.

O ódio onde eu vivia era fervente, mas não se me dava a conhecer. Então queimava-os na vossa vergonha de mim. Tanta maldade que eu chamei. Mas foram vocês que foram primeiro e eu vim para este lugar. Digo sempre aturadamente este lugar e abano a cabeça, o que ninguém gosta. Deixo de poder apontar o que faz corpo no papel. Evito, porque depois transtorna-se-me a letra e é aí que acham que está o meu remédio verdadeiro, neste lugar, no corpo das letras.

Coitadinha da menina, que é que estás a desancar? Houve um ano de que um ano para o outro a avó Assunta me deixou uma criação de bichos de seda dentro de uma caixa de sapatos. Os ovos eram como cabeças de alfinete sem brilho, de um lindo cinzento, e eles depois cabeceavam, cabeceavam, rilhando as folhas de amoreira sempre com o mesmo tino simétrico. Faziam uma meia lua perfeita, sempre de cima para baixo. Uma meia lua que ia deixando de estar lá.

Como é que eles sabem, Tino? perguntei ao meu primo que era quem estava encarregue de trazer as folhas de amoreira.

Peguei num que já se babava e foi atirado para o lume porque eu era porca. Mãos sujas.

É uma fadiga tão grande, estas cápsulas. Põem-me inerte. Inerte. Sempre tive amor, mesmo, às palavras raras.

Um travo a pevides salgadas no forno ou bolos de areia, camarões frescos, conforme. Comidas de alegria, não de força. Festins.

Nesse tempo já juntaria letras? Quem guiava a mão, o dedo encardido, a unha rente aos dentes? Isso podia, e lê-las, tudo para estar quieta.

É sempre a mesma coisa.

Essa criança que não fala. Chora ou tagarela demais, a despropósito.

Eu era já semi-viva, a filha desses seres, mas não dá pena. A mim não dá. Vão chorar em cima de mim. Chorar fora. Uma boa maldade.

Deixa a menina. Tu é que a fazes nervosa. Vem cá, Anica. E eu apanhava mais por conta da humilhação dela diante da mãe. De limpar os pingos, as poças do mijo, o sangue do nariz, o leite azedo no chão.

Deixa-a como, se eu devia ser o seu lustro? O rabo da raposa que ela levava às costas como um cordeiro exausto para escárnio das seis irmãs, mesmo da demente e da morta. Não estou a falar do que vejo, mas do que oiço. A destituição dela, a visível, era eu.

Há dez meses que trago este caderno para a convivência. Também o uso quando as imagens ou as visitas me fazem tanto medo. Pergunto por ti, quando quero afugentá-las. Ou afugentar as perguntas. Não é difícil, nunca foi difícil afugentar com a anomalia dos gestos, de alguns ditos.

Disse que estavas muito lindo dentro do caixão e todos tomaram à conta de pioras do que havia de vir. Tomaram por desvario do desgosto o que era medo e alegria da leveza. Mas os mortos flutuam de uns para os outros. Os maus mortos. E era bem verdade que eu não podia amanhecer sem o joelho da filha de Assunta sobre a arcada do meu peito.

A escarnecer de eu não a ter honrado. De eu lhe querer **77**

mal por me roubar a alegria do movimento dos dias. A filha ignóbil que ela fez valer. Escuto:

E que mais fazes, Anica?

Escuto as gotas da chuva, minha avó, e tenho medo da mudança do tempo, de tudo o que muda. Medo da maldade dela com a carne, a cria.

Deixa. Não era a mais malvada das sete que eu criei. Era tão esperta e bronca que mordida os dentes com a própria língua. Não vais ficar assim. Sem alma e com as pernas secas. Não a chores do escuro, olha o quintal, a bola de oiro dos lugares vibrantes. Deixa. Deixa a menina. Ser mexida. Minha avó Assunta era muito suportativa. Tinha um jeito de franzir o nariz quando queria ouvir ou entender melhor que era tal e qual o meu a arreganhar-me ao sol forte e aos números. Tua mãe já nasceu com zelos e debaixo da cama os tinha. Até dos ditos da tolinha e do atavio que a madrinha deu à defunta. Era briosa na escola, chegava lá a pé à bela aurora. Mas não era amor ao conhecer. Era cobiça de mandar. Ela mói para ser boa e só chora de raiva. Tu não me escutas, Anica?

A casa de todo o ano era muito longe. Quando tinha fome comia-me a mim mesma. Unhas, pelinhas das mãos e dos pés. Chagava-me. Tinha luvas de lã pela noite dentro até meu pai saber e gritar mais. Mas disso não oiço nem falo. É a porta do outro lado e não está certa.

Minha avó Assunta tirava a tira de tripa e as partes gordas da rodela de chouriço para eu não vomitar, não mijar quieta, não chorar mais. Não ter diarreia. Uma criança é um saco de fluxos. Um manancial. Algumas são. Como animais sem cólera, de abate, só medo e olhos de água. Balem, chiam, borram-se. Mas não mordem, não rosnam. Não lhes ocorre vencer. Não são predadores.

Vai Anica, vai lá fora com o teu primo reinar. O teu mal é seres bem mandada.

E por que é que a senhora avó tem o coelho preso
78 debaixo do poial da pia?

Estás como tua mãe. Dá-se-te confiança e ficas metediça como um furão dentado. Não sabes que os dentes deles vão sempre avante da cabeça? Hás-de ir para professora, que é para o que ela nasceu, a massacrar tudo e todos. Vai reinar à beira da mina de água com teu primo. Tua mãe foi à missa de chapéu para se fazer fidalga e nem sabe o que a chufam. Vai Anica, fidalgo é quem mata para comer e sai mudo e entra calado.

Era assim? Tão diferente da outra senhora, a avó dona, que essa sim, vivia para ser servida na miséria. A que me estendia as costas da mão a beijar sem me dar palavra que eu oiça. Lá eu tinha outro nome, tenho. A neta da senhora. Anica nunca mais fui.

As duas velhas em sombras. A do frescor do alpendre de vinha de enforcado e a do dia em sempre noite das más memórias, do perdido. Um mesmo ensejo, me parece. Que eu não fale deste lugar, que eu reine. Sobre a intrusa que cevou nas minhas estações, no sem tempo sem viagem às avós. Invejo aqueles enlevados com a própria infância. Para mim não era a minha que decorria mas a de uma outra criança, pálida, pasmada e trémula de tanta ira e segredo.

Vai ao quintal, vai para lá da horta, Anica, até aos sobreiros. Tino, leva a menina pela mão e não corram, a ver se não esfola os joelhos.

A boina, senhora avó? Deixa a boina e leva o chapéu de palha contigo, o de trazeres ovos na copa.

Bate-me na cara o rasgão do dia enrubescido. As canas cruzadas do feijão alto coalham a luz em verdes. Filtram em rosa a bela aurora da manhã já levantada. Meu primo é um vulto do lado esquerdo, só sombra e o coração nas mãos, que me puxam, um pouco na minha dianteira, entre os trilhos cerrados das hastes e corolas do ar morno. Não sei se o voltei a ver, nem se o reconheceria.

Está ali tão inteiro, compenetrado a segurar-me da mão. A água corre de uma boca de mina, negra e límpida. Límpida onde faz fio, negra a toalha do tanque

dos fundos de musgo. Pernilongos patinam na água lisa, andorinhas rasam-na sem tombar. Os pardais gorgolejam da outra margem e as borboletas corrompiam onde os limoeiros estão em folha, fruto e flor. Ao lado do muro do tanque onde nos assentámos para vaguear as mãos, em cima de um cômodo, está uma pedra lisa, malhada de líquen, granitosa. Dá para levantar com a minha mão, com as duas. Vejo-me. O rapazinho é um pouco maior que eu. Por que não mexe, não impede, se lhe estou confiada? Não dou tempo, é um impulso de malícia. Debaixo da pedra um súbito desatino de vidas a buscar refúgio da luz. Centopeias, larvas, anelídeos em rosca preta, bichos de conta fecham-se em si, minhocas. Não largo a pedra, não a deixo cair nas botas. Vejo. Oiço como um sussurro sem som a vida exposta. Do lado direito da concavidade descoberta da pedra surge súbita uma cabeça triangular escamada e escura, muito veloz. Não recua, lança-se para a minha mão direita que ainda segura o rebordo seco e húmido do seixo que levantei. A mão de meu primo interpõe-se e a criatura está ali inteira, fixa, um apêndice medonho que desaparece num ápice, sem rumor. Duas perfurações na mão de Tino escorrem sangue. Dentro desta redoma quieta rebrilha um canivete de cabo. Um lanho na mão e cuspo de sangue que se imbebe no chão. Meu primo é muito branco, só tem olhos quase pretos e senta-se no tojo a garrotar o pulso com a mão que me dera e a sugar-se e cuspir. Não grita, não chora. Ainda estou ali à sua beira a limpá-lo da lama com o bibe.

Não digas nada, Anica, diz que foi nas silvas a buscar-te um melro. Diz que foi culpa minha.

Teresa Veiga **Confidência barreirense**

Teresa Veiga nasceu em Lisboa em 1945. Em 1981 publicou, no *Círculo de Leitores*, um livro de contos, *Jacobo e outras histórias*. Em 1990, publicou, nas *Edições Cotovia*, um livro de novelas, *O Último Amante e*, dois anos depois, na mesma editora, *História da Bela Fria*, novo livro de contos que ganhou o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco da Associação Portuguesa de Escritores e o Prémio Pen de Ficção. Data de 1999 a sua primeira incursão no romance com *A Paz Doméstica*.

“Não é verdade que a vida é formada quase unicamente por detalhes excepcionais?”

Confidência Africana

Roger Martin Du Gard

1931

Cara amiga:

Pede-me um conto para incluir na revista “Ficções” e a minha primeira reacção é dizer que sim, para quando, quantas páginas, apesar de não andar de boas relações com a escrita, sobretudo desde que voltei a esta terra de São Bartolomeu de Messines e mudei de vida e de hábitos a ponto de me atribuírem um espírito prático e empreendedor que é coisa que nunca tive.

Podia, é certo, ir buscar à gaveta umas páginas inéditas, maquilhá-las, rejuvenescê-las, tirar de um lado e acrescentar noutro, recorrer enfim àquelas operações habituais quando se pretendê fazer passar por nova mercadoria fora do prazo de validade.

Acontece que este trabalho nem sempre compensa em termos de tempo e resultado final e na minha disposição actual me parece um expediente enfadonho, embora, às vezes, também possa ser excitante.

Assim, como não há nada mais fácil de contar do que aquilo de que tivemos conhecimento directo, lembrei-me de trazer para as páginas da sua revista a história da família Martinó, a qual, como se verá, teve e talvez mantenha ainda alguns ténues elos de ligação com a minha própria história.

Já passou quase meio século desde o dia em que fui tomar posse do lugar de Conservadora do Registo Civil do Barreiro. Era o meu primeiro emprego e sentia-me dividida entre um sentimento de entusiasmo pueril e um certo receio pelas responsabilidades que ia ter que enfrentar aos vinte e três anos. Tinha projectado uma viagem de reconhecimento antes de me instalar de armas e bagagens no Barreiro mas, de adiamento em adiamento, acabei por me despedir da família na estação de Tunes na madrugada do próprio dia em que devia iniciar funções.

Até então a vila do Barreiro não existia para mim senão como o lugar a que pertencia aquela estação onde se cruzavam os passageiros em trânsito entre o sul do país e Lisboa. Mesmo a estação em si não chegava a ser uma referência. Nítida, só a imagem dos magotes de pessoas, carregadas de malas e sacos, que se fintavam habilmente na ânsia de alcançar primeiro o ferry-boat para conseguir um lugar sentado e o atropelo final no cais de tábuas movediças, cercado do ruído de correntes e chapadas de água, a que se seguia um momento libertador depois de transpor o estribo metálico do portaló e entrar no ventre quente a cheirar a óleo da baleia- embarcação que nos acolhia.

Nesse dia descobri que a saída pelo interior da estação conduzia a uma extensa e larga avenida marginal saturada de sol, ao fundo da qual se avistava o casario da vila cravado de altas chaminés de fábricas como canos de espingardas apontados ao céu, empenachadas de grossos rolos de fumo que ao dissolverem-se na atmosfera absorviam a claridade e davam ao ar uma densidade estranha, amarelada e eléctrica.

Vi uma paragem de camionetas e juntei-me ao grupo de pessoas que iam formando uma fila, tendo ficado entalada entre duas mulheres que, percebendo que eu era uma intrusa, se esforçaram por me demonstrar que, lá por estar bem vestida e arranjada, não pensasse que podia esmagar a gente humilde do alto da minha pretensa superioridade.

Pela minha parte remeti-me a uma atitude plena de discrição, o que teve o efeito contrário de provocar uma situação desagradável.

O autocarro encheu-se completamente e eu, na tentativa de ocupar o mínimo de espaço possível, apertei contra mim a pasta de documentos e a bolsa do dinheiro (consequira encostar a mala a um canto) para facilitar a vida às pessoas que eram obrigadas a abrir passagem no estreito corredor apinhado de gente.

Isto não foi bem entendido por uma mulher de aparência grosseira que se pôs a macaquear o meu gesto e a discurrir sobre a afronta que representava o medo que eu tinha de ser roubada, deixando-me na posição desconfortável de ter de ouvir e calar para não atrair sobre mim as atenções num dia que devia ficar na minha memória por outros motivos. Felizmente o centro da vila ficava a pequena distância e, mesmo sem nunca lá ter estado percebi que tinha chegado ao meu destino quando o autocarro entrou numa rua que era, sem sombra de dúvida, a mais animada e concorrida rua do Barreiro.

Esta rua, que atravessava a vila desde os baldios dos subúrbios até à luminosa marginal, era a espinha dorsal da vila e ponto de encontro obrigatório para quem quisesse comprar, vender, tratar de assuntos que envolvessem tinta e papel selado ou simplesmente assistir como num fórum ao tumultuoso fervilhar da existência.

A Conservatória, o Cartório, a Câmara, o Tribunal e a Repartição de Finanças funcionavam num grande edifício amarelo, os Paços do Concelho, cuja posição no topo da rua correspondia à sua função de cabeça da vila e centro do poder.

O coração da vila, os seus pulmões, as veias e as artérias onde se envenenava e purificava o sangue desse corpo em luta constante para se manter vivo, ficavam porém mais longe, passado o limite da via férrea, na zona onde a vila semiburguesa dava lugar à vila operária, lá onde eu avistara à distância os pescoços altivos das fábricas desenrolando os seus cachecóis de fumo.

Os habitantes desta zona eram uns privilegiados porque tinham trabalho certo e praticamente nem precisavam de se expor à maçada de frequentar a rua principal, com o seu trânsito intenso, o cheiro a comida e o engodo das lojas, terríveis máquinas de triturar dinheiro.

É certo que isso não impedia essa gente de vir para a rua aos domingos com a sua melhor camisa lavada e fazer vida de ricos numa taberna em frente de um pires de tremoços e um copo de tinto e também eram vistos a passear no parque e a tomar banho na praia, mas percebia-se que a sua verdadeira vida se desenrolava noutra esfera, sobre a qual os não iniciados conjecturavam com alguma curiosidade mas que preferiam afinal não conhecer.

Eu vinha, com toda a pompa interior, instalar-me na cabeça da vila, e que assim fosse parecia-me certo e natural e de acordo com a lógica das coisas.

Fui recebida com todas as honras devidas, como um membro mais da camarilha, e o Notário agraciou-me com um discurso em que vinha à baila a minha ju-

ventude, o respeito pelas hierarquias e o perigo dos vermelhos.

Contaram-me que o anterior Conservador exercera funções durante vinte anos, os últimos em condições atribuladas devido à doença de que viera a falecer, de forma que se tinha criado um vazio de poder para o qual tinha contribuído a personalidade do primeiro ajudante, homem já entrado em anos e de uma educação a toda a prova mas demasiado comprometido com a realidade social do Barreiro para exercer o cargo com total isenção. Os outros funcionários eram três mulheres, uma competente, a segunda semicompetente, a terceira só habilitada para tarefas menores.

Devo dizer que de uma maneira geral estes juízos não se revelaram desacertados.

O primeiro ajudante, o senhor Lousada, tinha a aparência e os modos de um fidalgo de província arruinado e regia-se em tudo por normas caucionadas pela experiência ou por qualquer fonte de autoridade.

A sua primeira preocupação foi entregar-me as chaves da repartição, dos armários, dos cacifos, do cofre-forte e, tendo-se despojado das insígnias do poder, perguntou-me com a sua voz de asmático, trémula e ligeiramente ofegante, se pretendia ser eu a abrir doravante a correspondência, tarefa em que gastava diariamente quase uma hora. Percebi que para ele era quase uma questão de vida ou de morte e depois de breve hesitação disse-lhe que provisoriamente ficava tudo na mesma. Ele fez um gesto de assentimento que mais parecia uma vénia e eu considerei que obtivera a minha primeira vitória ao comprar-lhe por pouco a sua dedicação..

Em relação às três mulheres a amabilidade e a colaboração foram as notas dominantes desde o primeiro dia. Desabituidas de desobedecer a um chefe e achando-me desprovida de tudo a não ser de uma vaga ciência, procuravam alijar-me a carga dos ombros e fazer-me entrar num círculo de conformismo e rotina que perpetuasse o reinado de paz em que viviam.

Por sua vontade, eu não teria precisado de tratar pessoalmente de quase todos os meus assuntos. Encarregavam-se das minhas compras no mercado, na farmácia, nos correios, forneciam-me receitas e conselhos práticos que eram a melhor parte do seu capital de saber a meio da vida. Tendo desistido de me convencer de que eu ficava melhor num quarto alugado do que em casa arrendada, recorreram à sua rede de contactos para me encontrar a casa ideal, pequena e barata, numa rua tranquila a dois passos da Conservatória, que era como morar na aldeia mas estar perto de tudo. Os meus fins de semana solitários despertavam-lhes uma curiosidade mórbida mas respeitosa. Admiravam-se de que eu não fosse mais vezes passá-los “à terra”. Se eu lhes dizia que precisava de aproveitar o tempo livre para estudar olhavam-me com espanto e inquietação. Pois se tudo funcionava perfeitamente... Claro que eu não podia explicar-me melhor nem me convinha desmerecer do seu trabalho. Queria assimilar rapidamente a legislação e as ordens de serviço para depois poder questionar certas práticas que me pareciam erradas ou improdutivas. Era este o plano ambicioso que me prendia à mesa de trabalho pela noite fora e que se fosse conhecido provavelmente faria apagar os sorrisos que agora esvoaçavam à minha volta. Porém estava escrito que eu não seria a Grande Reformadora do Registo Civil do Barreiro. Para ser mais precisa, a ilusão durou exactamente três meses.

Num sábado de madrugada acordei com o barulho de um punho a bater na vidraça do meu quarto.

A casa era térrea e além dessa janela só tinha uma porta que dava directamente para a entrada, de modo que era quase como se o intruso estivesse a ver-me e a respirar sobre a minha cama. À quarta ou quinta vez arranjei coragem para me levantar e fui pé ante pé espreitar por uma fenda das portadas. Devo dizer que logo que comecei a agir deixei de ter medo e senti nascer em mim a alma de um aventureiro para quem não

há experiência comparável à de vencer os seus pró-

88 prios demónios.

Era ainda noite cerrada e um espesso nevoeiro amarelado ocultava toda a perspectiva da rua deixando apenas visível o espaço banhado pela luz dos faróis de um automóvel e abafava todos os ruídos além do discreto reboar do motor.

Um homem de samarra e boné, com uma expressão atenta e compenetrada, nos antípodas de um vagabundo, olhava fixamente para a janela do meu quarto, não para ver para dentro mas para ser visto.

Antes de lhe perguntar o que queria já sabia que me vinha buscar, a Conservadora do Registo Civil, para um desses actos urgentes que na chateza da profissão surgem como um momento de alto risco, esperado e odiado, coberto pela lei e no entanto quase clandestino.

Tratava-se de um casamento na iminência de parto entre o jovem filho do seu patrão e uma rapariga ainda mais nova. Disse-me que primeiro fora a casa do velho Lousada que o informara de que já tinham um novo chefe e portanto perdera a legitimidade para celebrar casamentos, urgentes ou não.

Minutos depois estava na rua e entrava com ar decidido para o banco traseiro do automóvel, como quem está habituada de longa data a enfrentar situações inesperadas e ainda mais estranhas.

O nevoeiro não me deixava ver bem o caminho que seguíamos mas dei-me conta de que íamos na direcção oposta ao rio e que a avenida principal ficava para trás, sinal de que nos aproximávamos da zona industrial da vila.

O automóvel parou junto a um gradeamento que atravessava a estrada de lado a lado e o motorista fez um sinal de luzes que parecia transmitir uma mensagem em código. De uma espécie de guarita saiu então um homem, com o foco de uma lanterna apontado ao carro, que fez deslizar o gradeamento para um lado. Julguei que íamos entrar numa propriedade particular mas quando os faróis resvalavam sobre as bermas descobriam as fachadas lívidas de casas e

mais casas, de uma uniformidade intrigante e sem uma única luz acesa.

Finalmente uma curva aparatosa e uma travagem firme advertiram-me de que tínhamos chegado. Olhei para cima e vi uma casa estreita como as outras mas consideravelmente mais alta e com um alpendre sustentado por colunas ao cimo de meia dúzia de degraus, tudo em tijolo e pedra escura e sem nenhuma beleza arquitectónica. Entrámos para um vestíbulo acanhado, mobilado com um bengaleiro, onde se amontoavam capotes, sobretudos e capas de oleado. Noutra parede uma reprodução das “Mãos” de Dürer confirmava que entrávamos numa casa de vocação ascética e austera.

Uma rapariga de olhos baixos, embrulhada num xaile, fez menção de me ajudar a despir o casaco. Em resposta aconcheguei mais ao pescoço a gola de pele – não se imagina o que uma gola de pele e um cinto de falso crocodilo podem fazer para elevar o nível de um casaco modesto até ao momento de testar o efeito ao espelho e nos olhos de quem nos vê – e murmurei qualquer coisa sobre o perigo das mudanças de temperatura, já que não podia explicar-lhe que o ar afirmativo, simultaneamente afável e distante, solene e caloroso, com que eu presidia aos casamentos, me advinha em boa parte por influência da minha indumentária.

O quarto da parturiente ficava no primeiro andar e era o clássico quarto de casal vocacionado para o sexo legítimo, com a sua atmosfera melada, a claridade envergonhada das lâmpadas de cabeceira e as litografias piedosas cercando o leito como esconjuro contra a devassidão.

Apercebi-me da presença de várias pessoas além da noiva, aliás mais mártir que noiva, amparada a almofadas, de longos cabelos escuros enquadrando o rosto cor de terra e camisa branca virginal, mas não tive tempo de organizar as imagens na minha cabeça pois logo que entrei no quarto um

homem veio direito a mim, aos sacões, manejava com destreza duas bengalas, e a sua forte presença

reduziu os outros à condição de meros figurantes ou ainda menos que isso, simples adereços de uma cena que ele ocupava por inteiro.

Este homem não se parecia com ninguém nem era fácil calcular que idade tinha pois todas as hipóteses eram igualmente admissíveis e inviáveis.

De velho tinha a pele distendida sobre os ossos, rugas concêntricas à volta da boca, fundos sulcos verticais junto às orelhas e cabelos finos e grisalhos, mas o nariz proeminente e a boca forte e bem desenhada davam uma impressão de vigor e os olhos lançavam bruscos clarões, alertando para o facto de que ainda eram capazes de amor, raiva e concupiscência.

Apresentou-se dizendo que era Eduardo Martínó, o pai do noivo, e pediu desculpa de me ter feito levantar a meio da noite para casar o filho e a futura nora, mas a jovem tivera uma hemorragia súbita e o médico receava um parto prematuro de consequências imprevisíveis. Naquele momento ela estava calma e sem dores, até se mostrara preocupada com a sua aparência e dissera que não queria casar de cabelo desganhado, infelizmente logo que passasse o efeito dos sedativos tinha uma longa noite à sua frente.

Disse-lhe que ia tentar ser o mais breve possível e que só precisava do canto de uma mesa ou cómoda para escrever. Nem quis ouvir falar em tal e conduziu-me a uma saleta contígua com uma grande secretária preparada para a ocasião. Enquanto eu escrevia o registo voltou para o quarto e as vozes baixaram ainda mais de tom, por respeito pela minha concentração, suponho, embora nada me oprimisse mais do que o peso do silêncio cortado de raros suspiros e cochichos de vozes. Porém, logo que eu pousei a caneta, voltou para junto de mim e acompanhou-me de novo até ao quarto, balançando-se nas bengalas, infatigável de cortesia e solicitude, se bem que se eu fosse capaz ter-lhe-ia pedido que se afastasse porque a sua proximidade dava-me falta de ar e ocupava todo o meu campo de visão.

Havia no entanto uma outra razão para eu me sentir tão perturbada. A fotografia do noivo, colada no bilhete de identidade, não coincidia com a imagem de um rapaz de dezasseis anos. Luís Martinó, um metro e sessenta e cinco de altura, olhos e cabelos castanhos, tinha as feições espessas e sobressalientes que se vêem nos bustos dos heróis da antiguidade, a mesma ambiguidade no olhar atormentado, linhas onduladas a sulcar-lhe a testa desde a linha de implantação do cabelo até à nascença do nariz, a parte inferior do rosto semeada de vincos e sombras improváveis como os que se sobrepõem numa obra ainda em esboço. Estava ansiosa por o ver, confirmar se era possível aos dezasseis anos ter a beleza de um adolescente e o acréscimo de sedução de um homem experiente e envelhecido. Não pensava na noiva, apesar da sua juventude, catorze anos, o que, sendo a idade mínima para casar, não fazia dela nenhuma raridade. Em três meses já tinha casado outras da mesma idade e aprendera que as gravidezes precoces no Barreiro, detectadas tardiamente, resolviam-se com um casamento fantasma em que muitas vezes o noivo, paga a dívida, desaparecia depois da boda para não tornar a aparecer.

E foi isto que eu vi numa fracção de segundos: um rosto fugidio que alguém afagava passando-lhe repetidamente a mão pela testa e os cabelos e debruçado sobre ele um outro rosto, crispado e sombrio, zangado e implorativo, uma bela máscara viril sem idade.

Mas já o motorista erguia sobre a minha cabeça um candelabro, aprisionando-me e ao livro dos registos num casulo luminoso que pelo contraste tornava a obscuridade circundante ainda mais opaca.

Comecei a ler, com a dicção perfeita e o registo neutro apropriado à matéria que cultivara para essas ocasiões, e só quando perguntei a Luís Martinó se era da sua livre vontade casar com Adelina Maria é que não pude evitar

92 um ligeiro tremor em que ninguém reparou, por certo,

mas teve o efeito de me atormentar até ao fim do acto e desviar-me a atenção da assistência para mim própria.

Assinado o registo por todos os intervenientes, com excepção da noiva por não estar em condições de assinar, fiz questão de me despedir imediatamente. Sentia-me aturdida, com a sensação desagradável de que não estivera à altura da situação, apesar do aspecto impecável da folha manuscrita, sem uma emenda, sem uma rasura.

Tinha passado pouco mais de uma hora e a vila continuava imersa numa atmosfera de vapores amarelados, a famosa combinação de gases e nevoeiro.

Pensei que o motorista não parecia tão franco e amável como quando me viera buscar. Tentei dormir e a excitação mantinha-se, agora sob a forma de uma agonia lenta e triste.

Os rostos do pai e do filho ora me apareciam destacados ora confundidos num único rosto mas mais sob a forma de estátuas de pedra do que de criaturas vivas.

Colada ao fundo da cama era como se estivesse num sarcófago. Acalmei quando as lágrimas romperam o manto de chumbo que me envolvia e pouco depois já eram as mãos que se me abriam e fechavam ensaiando gestos vagos e imperfeitos como os fetos girinos na barriga das mães.

Mais refeita, deixei que a minha memória regressasse às primeiras impressões quando entrara no quarto fatídico. Porquê fatídico? Porque é que me lembrava dele assim? Pelos seis ou sete espantalhos chorosos que rodeavam a mártir prontos a mergulhar as mãos nas quentes gulfadas de sangue que de um momento para o outro podiam jorrar-lhe das coxas e tingir os lençóis? Prontos a esquitejá-la se fosse preciso para lhe arrancar do ventre a criança e oferecê-la de bandeja ao pai embrulhada numa colcha branca? Porque naquele quarto eu falhara a primeira grande prova e dera provas de incompetência e egoísmo? Nunca chegara a olhar bem para a noiva e tive que admitir que o desprezo a que a votara

talvez tivesse origem no ciúme. Então pensei nela para a lamentar, para a embalar de encontro ao meu coração pesaroso, e de repente senti que também ela era de pedra, pesada e fria. Foi como se um raio me caísse em cima. Estremeeci violentamente e sentei-me na cama de supetão ficando imóvel logo tempo como se tivesse o pescoço encostado ao gume de uma faca. A casa dos Martinó despiu-se das suas roupagens delirantes e os actores reentraram no seu estatuto de gente vulgar. Eu própria voltei a ser a Conservadora do Registo Civil do Barreiro. O dia ao amanhecer sepultara sombras e nevoeiros. Eram horas de ir para a Conservatória. E eu tinha que fingir que não sabia que acabava de casar uma morta.

Nascimentos, casamentos, mortes. Fiz centenas e centenas de registos até deixar de sofrer com a lembrança do meu erro. Foram precisos também muitos anos para poder pensar no velho Lousada, provavelmente já morto, e nas três prestáveis funcionárias, sem lhes desejar as maiores calamidades pela sua silenciosa cumplicidade nesta história.

A verdade é que logo naquele dia confirmei o que já sabia, que todos estavam cientes do embuste, vendo como desviavam os olhos e suspiravam ao lamentar a má sorte que perseguia aquela desditosa família e que recaíra sobre mim de modo injusto, ao que parecia, estragando-me a noite.

Fiquei a saber que nos Martinó uma doença rara e gravíssima transmitia-se de pai para filho, diminuindo a esperança de vida que nunca ia além dos trinta e poucos anos. Mesmo assim ainda acreditavam em milagres. Agora toda a esperança estava depositada no menino que nascera de sete meses algumas horas depois do casamento, sem que fosse possível salvar a mãe.

O meu silêncio desencorajou-os de continuar. Nunca mais me falaram da família Martinó.

Pouco tempo depois, quando surgiu a hipótese de me candidatar a um lugar mais próximo das minhas origens algarvias, não deixei fugir a oportunidade e tive

a satisfação de ver que reagiam com surpresa e pena. Depois mudaram para uma atitude correcta mas fria e quando nos despedimos só faltou dizerem-me que eles é que se deviam sentir traídos e vítimas de incompreensão.

Morando a três minutos a pé da estação do caminho de ferro, privilégio a que sou muito sensível, habituei-me desde sempre a viajar de comboio. A viagem, aliás, era sempre a mesma, entre Tunes e Lisboa, mas foi durante muito tempo uma ocasião privilegiada para aceder ao luxo de estar sozinha e livre como em mais nenhum outro lugar durante as cinco ou seis horas que durava. Em todas essas viagens nunca aconteceu nada de verdadeiramente extraordinário e no entanto tenho ideia de que nenhuma deixou de me oferecer qualquer coisa que guardei comigo embora hoje já não saiba muito bem o quê. A excepção foi o momento em que, da janela do comboio, avistei o homem na estação de Garvão, concelho de Ourique

Reconheci imediatamente o pai do noivo no indivíduo, elegantemente enroupado num sobretudo que disfarçava mal a sua extrema magreza, que se ergueu do banco de azulejos e avançou aos sacões, amparado a duas bengalas, para a porta da carruagem onde eu seguia. Escolheu um lugar vago junto a uma janela — era um dia de semana e o comboio ia quase vazio — de frente para mim, tirou o chapéu e as luvas e pousou-os, assim como as duas bengalas, no banco ao seu lado. Reparei que a mão que efectuava estes gestos lentos e meticulosos era trémula e descarnada, um feixe de ossos a sair de um punho imaculado. Baixou-se para pegar numa maleta de contabilista, a única bagagem que transportava, e pô-la sobre os joelhos, mas logo a seguir pareceu esquecer-se dela e distraiu-se a olhar para um ponto além do vidro onde o seu reflexo se misturava com o da paisagem.

Ele vai ter que virar a cabeça, pensava eu, e então logo verei se finge não me reconhecer e até que ponto está disposto a lembrar-se.

Em Alvalade mergulhou na leitura de um caderno dactilografado. Vendo o tempo passar reuni toda a minha coragem e abordei-o com uma frase longamente estudada.

A facilidade com que ele se dispôs ao diálogo fez-me sentir envergonhada dos meus cálculos. Ele, Luís Martinó, o “noivo”, não me reconhecera porque no dia do casamento nem olhara para mim, ou antes, emendo, olhara sem ver como um sonâmbulo. Eu é que estava a confundi-lo com o pai, confusão natural dada a grande semelhança entre ambos.

Tive que fazer um esforço para não pensar no que isso significava. Se era esta a sua aparência aos trinta e quatro anos, queria dizer que a doença da família não o poupava e ele não podia ter quaisquer ilusões sobre o tempo que lhe restava para viver. Justificação mais do que suficiente, a meus olhos, para se refugiar na solidão e no alheamento. Puro engano. Luís Martinó não era um solitário nem um deprimido, tinha uma vida activa em contacto com centenas de pessoas e enquanto olhava através dos vidros é possível que estivesse a trabalhar mentalmente nos dossiers que carregava consigo para toda a parte. Durante a nossa conversa que durou mais de três horas apercebi-me de como o estimulava falar das fábricas e do que significavam em termos de empregos para a gente do Barreiro. Sobre ele e a família falou como quem não tem nada a esconder, de uma maneira simples, directa e concisa. Oxalá eu consiga manter o distanciamento necessário para me cingir às suas palavras, sem deixar interferir o meu pendor para filtrar toda a realidade através da emoção.

“Nasci no Barreiro, na casa onde me foi casar, filho de barreirenses e neto de um engenheiro químico francês, Edgard Martinot, e de uma alemã que foi no seu tempo notável maestra.

O meu avô viera para Portugal muito jovem, em 1917, como colaborador de Alfredo da Silva, o fundador da CUF.

Trabalhou incansavelmente e quando morreu, em 1935, era um homem rico, influente e respeitado.

Pouco depois o meu pai formava-se também como engenheiro químico e sucedeu-lhe como responsável máximo das fábricas de adubos e de ácidos que eram a “zona” mais importante do complexo industrial. Ainda muito jovem casou com uma rapariga da alta burguesia afectada ao regime e mudou-se para a casa que mandou construir numa rua do bairro destinado aos trabalhadores da fábrica de superfosfatos, chamada Rua do Ácido Sulfúrico.

Eu nasci em 1936 e quando chegou a altura de escolher um curso limitei-me a entrar naquele que me estava naturalmente destinado, o mesmo do meu pai e do meu avô, sem me interrogar sequer sobre se teria preferido escolher um outro rumo para a minha vida.

Três gerações de engenheiros químicos à frente da mesma empresa não é nada de surpreendente a não ser quando se repara na rapidez com que sucedem uns aos outros. É este o lado negro da história dos Martinó, que se não fosse isso seria simplesmente uma história de sucesso.

Não se sabe ao certo quando é que ocorreu o primeiro caso de degenerescência na nossa família. Os Martinot, antes de trabalharem na indústria, eram comerciantes, e ainda no século passado o avô do meu avô tinha entrada na Cidade Proibida para negociar objectos de arte. Morreu na China, não se sabe de quem nem quando, mas ao compulsar os registos verificou-se que o pai dele falecera aos trinta e cinco anos de doença desconhecida, e o pai do pai aos vinte e nove, de fraqueza geral. Por outro lado o estudo dos registos confirmou que, tal como sucede hoje, os Martinot só tinham filhos varões e eram pais muito cedo. Em cem anos quantas gerações costuma haver? Um, dois, três ou quatro. Pois na nossa família chegámos a contar sete. Dir-se-ia que, conscientes de que morriam cedo, se apressavam a lançar a sua semente ao mundo. Isso é verdade mas a explicação fica incompleta se não acrescentarmos o seguinte: os Martinó não morrem jovens, entram em declínio por volta dos vinte anos e a partir dos

trinta estão maduros para morrer. A morte não os vem buscar a meio da vida, simplesmente ardem demasiado depressa como fósforos de má qualidade. Entretanto passaram por todas as etapas da vida e mesmo à pressa tentaram desfrutar de tudo o que ela tinha para lhes oferecer. Trabalharam como forçados para atingir em meses resultados que pedem anos de esforços e tiveram que reduzir as distrações ao mínimo, em contrapartida qualquer erro que cometiam tornava-se mais grave por falta de tempo para o esquecer e pela urgência em o corrigir. Gostavam de mulherês e despertavam para o sexo logo ao sair da infância, mas a pressa de viver obrigava-os a contrair obrigações familiares muito cedo. E chegamos a um outro aspecto que, parecendo uma compensação para a injustiça que os feriu, também pode ser apreendido como um castigo. Tal como são, os Martinó foram sempre muito amados pelas mulheres. Se eu lhe lesse fragmentos de cartas que me chegaram às mãos compreenderia até que ponto é verdade o que lhe digo. A razão deve-se sem dúvida a múltiplos factores mas fundamentalmente a dois: a beleza *sui generis* dos Martinó, o seu tipo físico que mistura genes da raça asiática e caucasiana; a identificação de toda a mulher com a figura de Maria, a mãe de Cristo.

Mas basta de considerações de ordem geral quando afinal o que lhe quero contar só diz respeito a mim e ao que realmente se passou naquela noite em que a chamaram a nossa casa.

Vou recuar uns anos, a um período que foi dos mais felizes da minha vida. Tinha uns onze anos, era forte e saudável, tudo me corria bem em casa e na escola e a vila do Barreiro oferecia-me prazeres de sobra para não ter nada a desejar que não estivesse ao meu alcance imediato.

Um dia ao chegar a casa tinha o alfaiate à espera para me tirar as medidas para um fato de calças compridas de fazenda e um casaco a condizer. Logo que ficou pronto os meus pais anunciaram-me que íamos fazer

uma visita de cerimónia, a casa do novo director da fábrica de sabões, e que naturalmente esperavam de mim um comportamento exemplar.

Não me disseram que ia conhecer uma rapariguinha pouco mais velha do que eu e que se tudo corresse bem seria a minha noiva antes de se tornar minha esposa, mas acho que no íntimo eu já estava preparado para uma surpresa desse género.

Nessa primeira visita aborreci-me de morte. Leonor quase não olhou para mim, limitando-se a desempenhar na perfeição o seu papel de menina dócil e bem educada. Se lhe falavam respondia numa voz vibrante e quase alegre, caso contrário seguia a conversa numa imobilidade de cego. Os meus pais acharam-na encantadora. Até o seu pequeno defeito, uma anquilose que não a deixava rodar o pescoço, contribuía para lhe dar um porte de princesa. Aí está, pensei aliviado, a explicação de não ter olhado para mim.

Já vê como os Martinó eram precoces e convencidos em relação às mulheres.

Na segunda visita sentei-me de frente para ela e trespassámo-nos com olhares até ao fundo das pupilas. Depois do lanche a mãe de Leonor sugeriu que fôssemos jogar pingue-pongue no salão de jogos instalado na cave. Fiz tudo para a vencer mas o estilo dela, dançante e fluido, quase um número de ballet, revelou-se mais eficaz que o meu jogo tecnicamente perfeito, todo em força e velocidade.

Marcámos a desforra para minha casa e aí, já mais consciente dos seus pontos fracos, consegui ganhar. Extenuado, estendi-me de bruços sobre a mesa. Ela imitou-me e compartilhámos a sensação de navegar sobre um mar encapelado abraçados aos destroços de uma jangada. Perguntei-lhe se era verdade que queria casar comigo. Disse que sim e rastejou até ficar com a cabeça encostada à minha. Os nossos lábios tocaram-se através da rede. É neste momento que me ocorre pensar quando se fala no nosso casamento.

As visitas, ora em casa dela ora na minha, continuaram nos anos seguintes, programadas de forma a que não se tornassem um hábito nem interferissem nos meus estudos. Leonor fez-se uma mulher e eu adquiri rapidamente a aparência de um adulto, apesar de por vezes as pessoas ficarem perplexas sem saber muito bem como lidar comigo e definir-me.

Oficialmente estávamos noivos. As famílias só esperavam que eu fizesse dezasseis anos para tratar dos preparativos para o casamento. No entanto, à medida que este se aproximava e o amor de Leonor por mim multiplicava os sinais, se tornava mais obsessivo e absorvente, comecei a sentir-me angustiado e a ter dificuldade em corresponder-lhe como faria um homem apaixonado.

A praia, com os seus dois quilómetros de extensão, com os acessos dificultados pelas barreiras de arame farpado que protegiam as fábricas, era o território privilegiado para todos os que queriam esconder-se ou isolar-se e para lá nos dirigíamos sempre que nos deixavam mais à-vontade. Às vezes encontrávamos amantes escondidos nas depressões das dunas ou nas velhas barracas dos pescadores e tornava-se embaraçoso fingir que não tínhamos visto. Eu sabia que Leonor estava amarrada à promessa solene que fizera aos pais de observar os princípios da moral cristã e que no meu caso havia uma espécie de tradição de os Martinó respeitarem as noivas até ao casamento mas também não podia ignorar a força do desejo que a fazia violenta querendo ser meiga. Como dizer a uma noiva que os seus abraços não deixam respirar e dão uma sensação desagradável de punição? Ao princípio lembro-me de lhe ter perguntado “por que é que me apertas?” e de ela ter respondido num sussurro inflamado “porque te adoro”. Esta pequena cicatriz junto à sobrancelha é a marca que ficou de uma vulgar explosão de carinho. Estava há muito tempo a acariciar-me o rosto na sua maneira lenta, compenetrada, como se quisesse aprendê-lo de cor pelo tacto (na verdade fazia-o com uma volúpia indescritível e tinha consci-

ência disso a ponto de dizer que se eu morresse deixava enterrar o corpo mas guardava a cabeça) quando o anel de prata que eu lhe oferecera se partiu em dois e sob a pressão dos seus dedos se enterrou profundamente na minha testa. Vendo o sangue correr tentou estancá-lo com os lábios e só lhe digo que, mais do que a dor causada pelo ferimento, me custou suportar a sua expressão de desvario e a proximidade da boca ensanguentada.

Dito assim até se pode pensar que eu já não amava Leonor, se é que alguma vez a tinha amado. Não é verdade. O que acontecia é que, egoistamente, eu não queria suportar o fardo de ser um deus para alguém, talvez pressentindo que era o caminho mais curto para me tornar escravo. Por outro lado a ideia de que a minha aura se devesse em parte à doença e tanto amor tivesse uma parte de necrolatria, fazia-me desejar às vezes, com igual dose de ironia e sinceridade, que me detestassem, pois só quem me detestasse me faria sentir-me seu igual. Afinal encontrei o justo equilíbrio entre sentimentos extremos sem ter de me esforçar muito. Estava, desde sempre, ao alcance da minha mão, na minha própria casa..

Em nossa casa morava uma criada que um dia aparecera grávida e tivera uma filha. Era uma mulher promíscua e não foi possível arranjar pai para a criança. Os meus pais cederam-lhe um quarto na cave onde dormia, cozinhava para ela e para a filha e passava a ferro a roupa dos patrões.

A garota, logo que soube subir escadas, transportava os tabuleiros dos engomados e nesta actividade de subir e descer foi passando mais tempo em nossa casa do que na cave mas quando já andava na escola a professora queixou-se aos meus pais do seu comportamento e o resultado foi recambiarem-na para a cave. Este foi o terceiro azar de Adelina. O primeiro tinha sido nascer daquela mãe e o segundo parecer-se tanto com ela, pequena, magra, escura, sempre com um sorriso atrevido que não encorajava os bons sentimentos. Apesar disso e tendo em conta os bons **101**

serviços da mãe, Adelina podia contar com um lugar na fábrica de tecelagem logo que tivesse idade para entrar como aprendiz.

Sendo filho único eu habituara-me à presença de Adelina e deixara que preenchesse o papel de irmã. Claro que estava consciente de que uma relação de irmãos em princípio não pode assentar numa base de desigualdade mas as crianças têm uma grande capacidade de adaptar a realidade aos seus desejos e durante muito tempo quase que acreditei que a única razão de ela morar na cave era ser mal comportada e ter de ser castigada.

Os meus pais nunca se tinham oposto a que brincássemos juntos e provavelmente até pensavam que ela era útil como complemento da nossa vida de família e também para servir de contrapeso ao meu feitio pouco expansivo.

Quando me ofereci para a ajudar a preparar-se para o exame da quarta classe acharam que era um gesto nobre e altruísta e que ficava bem numa família com preocupações sociais como a nossa. Isso fez abrandar as regras que na verdade também nunca tinham sido muito rígidas e Adelina voltou a circular com mais à-vontade entre o seu reduto na cave e o resto da casa.

Estava com treze anos e de criança feia passara a metro e meio de mulher mais esqueleto que carne mas sem ter um aspecto franzino, antes daquela solidez de ossos brunida e elegante das ciganas. Aliás não era de excluir que a mãe dela a tivesse concebido na carroça de um cigano.

Continuava vivíssima e descarada, interpelava toda a gente dum modo desabrido e se a provocavam respondia com obscenidades. Comigo não abria excepção a não ser quando fazíamos o papel de professor e aluna. Então reconhecia em mim uma superioridade face à qual todos os seus ardis eram vãos, mas só nessa altura, o que poderá parecer pouco li-

sonjeiro mas no trato diário permitia um equilíbrio de forças que me agradava.

Adelina desconhecia a doçura dos afectos e os sentimentos delicados e toda a sua energia parecia canalizada para os banir da sua vida. Um dia em que conseguíramos conversar um pouco mais a sério no ambiente propiciatório das ruínas do convento da Verderena, um sítio que considerava como seu desde que o descobrira nas suas deambulações de desocupada, dei-lhe um beijo no magro ombro no sítio onde a pele estava esfolada por a ter roçado contra um muro. Seguiu-se uma breve escaramuça, um corpo a corpo desajeitado com risos e insultos pelo meio, e quando eu julgava que o meu atrevimento me tinha valido alguma coisa, atirou com a porta do quartinho esburacado onde nos refugiáramos entalando-me um dedo de propósito e fazendo do meu azar pretexto para mais gracejos e gargalhadas. No entanto eu sabia que não havia razão para se fazer de espirituosa e inacessível. Não era tão ingénuo que não tivesse reparado no cumprimento entre dentes que não tinha maneira de evitar quando um homem a reconhecia na rua e se atrasava a perceber que não devia dizer nada. E será que ela pensava que eu acreditava que no café da Boleira se encontravam às vezes notas amassadas entre as pontas de cigarros e os desperdícios?

Este tempo de enganos e discussões pueris tinha os dias contados e eu sabia-o e ela também.

Além disso no meu caso havia a pressa que sabe que tem muito a ver com o facto de medirmos o tempo não em anos mas em dias. Um belo dia de praia em que Leonor fora a Lisboa para uma jornada de compras ofereceu-nos a ocasião ideal.

Devo dizer que não tinha em mente forçá-la a nada nem imaginara nenhum processo de sedução. Lembro-me de que até estava um pouco triste, o que era habitual quando o excesso de luz, a vitalidade triunfante do maravilhoso Verão, me lembrava que não ia ter muito tempo para participar daquela fantasia. Se Adelina se tivesse apiedado de mim, se tivesse tentado alisar-me as rugas da testa, estou **103**

certo de que teríamos passado uma tarde em provocações e em jogos e apostas mas mais nada. Felizmente que isso não aconteceu. Os meus estados de alma não interessavam a Adelina. Bastava-lhe saber decifrar palavras e comportamentos. O resto pertencia a cada um, tal como as suas vísceras, e teria tido a maior das vergonhas em se aventurar por terreno tão escandaloso.

Quer acreditar que depois deste dia memorável ela não se mostrou mais íntima nem mais amável para comigo nem tão pouco me deu a entender que compartilhávamos um segredo? Pois é verdade. Foi sempre exactamente a mesma, atrevida, colérica, às vezes grosseira, sádica por orgulho, por desafio, por incapacidade de se afirmar de outra maneira. E eu também nunca desejei que ela mudasse. E também nunca perdi tempo a pensar se o amor dela valia mais ou menos do que o de Leonor. Só sabia que me fazia sentir vivo e forte ao passo que os beijos ardentes da minha noiva me deixavam num estado de submissão animal, entre a languidez e o fastio.

Aproximava-se a altura do casamento. Eu tentava não pensar nisso e imaginava vagamente que arranjaría maneira de continuar com os nossos encontros num refúgio algures, uma vez que ia ter alguma independência financeira como homem casado. Entretanto, consoante o estado do tempo, assim escolhíamos as ruínas do convento ou a praia para estarmos juntos..

Um dia estávamos a descansar numa cama improvisada com tábuas e coberta de sacas, num ambiente de paz doméstica a que nem faltava o choro manso da chuva, quando Adelina se levantou, toda nua, e eu vi que estava grávida.

Não tentou negar e ainda teve disposição para rir e sossegar-me. O que estava feito estava feito e, como dizia a mãe, havia sempre uma primeira vez para tudo. Pensara em livrar-se do bebé mas dois casos recentes de mortes às mãos de abortadeiras tinham-na feito recuar e entretanto passara o tempo. Portanto, se os chás de ervas que andava a

104 beber não dessem efeito, iria ter a criança na praia

junto ao canal da barra para que fosse levada por um braço do oceano. Vendo-me incrédulo e horrorizado disse que também havia a hipótese de abandonar a criança à porta de uma igreja ou de uma casa de gente rica. Acrescentou que seria bom que eu pudesse ajudá-la na altura do parto mas se não pudesse achava-se capaz de fazer tudo sozinha.

Tentei dissuadi-la, sem grande convicção pois esse dia ainda vinha longe e até lá tudo podia acontecer. Infelizmente todas as soluções me pareciam más sobretudo quando analisadas do meu ponto de vista. Adelina tinha pouco a perder mas eu ia ser culpado de abalar os alicerces de duas famílias. Nem sequer conseguia imaginar a reacção de Leonor. E, pior que tudo, a tradição de probidade dos Martinó interrompia-se em mim e para esse mal não havia remédio.

Passei dois meses terríveis em que à incerteza sobre o que se ia passar se acrescentava a necessidade de confortar Adelina e fazê-la compreender como o seu plano era desumano e insensato. Ela talvez já estivesse menos persuadida mas continuava a teimar que não via outra solução. No fundo acho que esperávamos e continuámos a esperar sempre, até ao último dia, que os chás abortivos e o jejum obstinado de Adelina, a quem toda a comida dava vômitos, se encarregasse de resolver o nosso problema de uma forma natural. Quando chegou a altura, porém, deu-se uma transformação em mim que ainda hoje não sei se devo lamentar quando penso nos resultados. Vendo Adelina torcer-se de dores deixei de ser um garoto cobarde e assustado e enfrentei a situação como um homem. Levei-a para casa e chamou-se o nosso médico de há muitos anos, grande amigo do meu pai, a quem se podia confiar qualquer segredo. Pois esta decisão de chamar o médico, que se impunha perante a feição que as coisas estavam a tomar, custou-me a amizade de Adelina e tornou as suas últimas horas num inferno. Eu sabia que ela tinha medo dos médicos e que associava a sua presença a um mau presságio, por influência das histórias que a mãe contava baseadas nas suas miseráveis experiências pessoais, mas não calculava

que lhe provocasse uma reacção de terror tão intenso. Debatia-se, gritava, enquanto teve voz atirou-lhe os piores insultos. Para mim não tinha palavras mas, se interpretei bem o seu olhar, morreu a detestar-me.

Não sei se foi a minha mãe ou o meu pai que teve a ideia do casamento póstumo ou se foi concertada entre ambos. Eu não estava em estado de pensar nem de lhes opor resistência.

Era evidente que tudo se tornava efectivamente mais simples. Uns papéis assinados na intimidade da nossa casa e casamento, nascimento e morte sucediam-se na engrenagem dos registos, respeitando a ordem de prioridades. Depois algum tempo de recolhimento, o silêncio condoído dos outros e a entrega total à fábrica, logo que acabasse os estudos. Leonor não entrava neste esquema. Alguma vez podia perdoar o meu procedimento indigno?

Um ano depois casávamos, na mesma casa, uma cerimónia simples, a que assistiu o nosso filho, conduzida sob o olhar enternecido do velho senhor Lousada. Digo o nosso filho porque se fosse dos dois não podia ter encontrado uma mãe mais dedicada. Quinze anos depois sou tão feliz quanto pode ser um homem com a doença que tenho. Talvez isso a ajude a perdoar a facilidade com que foi enganada”.

Não fui capaz de lhe dizer que sim, que estava tudo esquecido e perdoado. Não porque fosse mentira mas por me parecer um medíocre happy-end para o nosso encontro.

Ora conversando, ora guardando um silêncio sem constrangimentos, chegámos finalmente à vista do Barreiro, de onde eu prosseguiria viagem para Lisboa. O comboio foi perdendo velocidade e nas últimas centenas de metros deslocava-se tão devagar que parecia um capricho do maquinista, sem nenhuma fundamentação técnica. Tive tempo de ver os bairros novos que começavam a surgir um pouco por

106 toda a parte, a avenida marginal recentemente arbo-

rizada, a floresta dos alicerces do novo hospital e, sempre omnipresente, a cidadela das fábricas que davam de comer à vila, o complexo da CUF, a sombra tutelar dos barreirenses para o bem e para o mal.

Voltei-me para Luís Martinó e disse-lhe: a minha primeira impressão quando cheguei ao Barreiro foi: isto é o Far West. E agora...

Não completei o meu pensamento porque o vi entretido a reunir a bagagem e percebi que não estava a ouvir-me. O que eu ia dizer, e calei a tempo, era que sentia que aquela terra, recuperada pela memória, voltava a ser minha, ou outra frase parecida que desse conta da minha vontade de voltar para ela, sem me importar com o estilo pomposo porque o estilo tem de estar de acordo com a matéria e já sentia as lágrimas a subir, a emoção a empolgar-me, e não estava longe de achar que a minha entrega ao Barreiro era um acto de suprema generosidade.

— Lá estão eles, o meu filho e a namorada. Tiveram a simpatia de vir esperar-me. Já agora apresento-lhos, se tiver um minuto.

Apertámos as mãos, dissemos umas palavras de circunstância. Tudo ao ritmo apressado dos encontros nas gares, tanto mais que eu tinha de apanhar o barco.

Não voltei ao Barreiro.

Sei que continuou a crescer, que é hoje uma cidade, e se lá aterrasse de improviso havia de dizer: isto é uma Babilónia. Os bairros novos e o trânsito intenso que avisto da janela do comboio ainda me atraem a atenção, mas já não imagino que aquela mulher discretamente vestida podia ser eu a andar por ali. Para voltar a gostar do Barreiro precisava de tornar a ver os Martinó, o pai e o filho ou só um deles, e dizer-lhe abertamente: deixa-me olhar para a tua cara, tocar com as mãos no teu maravilhoso rosto envelhecido. Deves-me isso em troca da vergonha que me fizeste passar.

Mas isso já não faz parte da história da família Martinó (a história deles terminou onde os vi juntos pela última vez, na estação do caminho de ferro do Barreiro) e não é absolutamente certo que faça parte da minha.

Isabel Boavida **Por acaso**

Isabel Boavida nasceu em Lisboa em 1961. Licenciou-se em História na Universidade Clássica. Casada e mãe de quatro filhos, trabalha presentemente numa tese de Mestrado sobre as relações entre Portugal e a Etiópia. Tem artigos publicados sobre literatura de viagens e a história demográfica dos Açores (Flores). Estreia-se aqui como ficcionista.

— As coisa é assim — disse o Willie. — Parece que os meus pés inda me dói. Sinto esta dor medonha nos dedos dos pés. Mas esta dor é aonde os meus pés devia de está, na ponta das pernas. E não aonde eles tá agora. Não posso compreendê. Os meus pés dói-me tanto a toda a hora, e eu não sei donde eles tão. Nunca mos tornaro a dá. Tão algures, a mais de cento e cinquenta quilómetro daqui.

Carson McCullers, Coração solitário caçador

O escritor lia. A voz do escritor lendo a sua escrita recortava o silêncio do auditório. A voz dizia palavras e pausas e modulava mansamente o tom através do sistema sonoro da sala alcatifada e estofada. Devagar, compunha a imagem do homem que avançava no trilho relvado do bosque que se abria ao fundo do quintal da sua casa numa cidadezinha qualquer da América. O homem caminhava devagar. A voz do escritor lia como o homem caminhava devagar. Compunha a imagem do homem coxeando ligeiramente, apoiando-se na prótese indecisa enquanto adiantava a perna sã e usando a pá que levava como uma bengala. Oscilando passo a passo, o homem

ia andando com a pá e um grande saco mais largo do que fundo e a voz do escritor transfigurava em palavras, numa manhã de sábado na cidade do Porto em Portugal, o sentido do passeio do homem amputado lá no bosque dos arrebaldes da cidadezinha americana. Adivinhava-lhe o formigueiro no membro estropiado, o incómodo na planta do pé ausente ao pisar a aresta viva duma pedra escondida debaixo dum tufo de erva, a estranheza de saber irremediavelmente separada de si a perna abaixo do joelho. A voz do escritor disse que o homem parou apoiando-se ao tronco de um ácer.

Sentada no auditório, a ouvinte olhava o escritor lendo e via o homem procurando o ponto de equilíbrio para cavar a terra dura debaixo da camada de detritos e folhas caídas, o tronco dobrado, os braços em esforço, o véu de camarinhas a cobrir-lhe a testa, as manchas de suor a escurecer-lhe a camisa. Entendia a perplexidade do homem a desvanecer-se, transfigurando-se na qualidade de vazio que antecede a aceitação do facto, por força do acto óbvio, definitivo. Quando por fim a voz do escritor se calou, a imagem do homem parado à beira da sepultura da sua própria perna ficou a pairar na sala cheia de sombras palavramagóricas. Pareceu à ouvinte que a manhã chegava ao fim. Os fios subtis da tristeza que a ligaram à dor do homem amputado encenando o funeral solitário da perna, definiram-se com uma clareza patética no seu espírito. Tudo o que aconteceu a seguir, os aplausos, a conferência de encerramento do congresso, os aplausos de novo, as despedidas, lhe apareceu desfocado. Estava ali e também algures, numa espécie de limbo, entalada desconfortavelmente entre a ficção e a ordem das coisas quotidianas.

Só depois do almoço, enquanto carregava a mala pela rua fora até à estação de S. Bento, é que a

quase quatro horas livres até à partida do intercidades e o que lhe faltava era ter de vivê-las com aquela impressão estuporada de não estar presente no seu corpo e nos seus gestos. Depositou a bagagem num cacifo da estação e consultou a planta da cidade. Que patetice, pensou, deixar-se apanhar assim pelos meandros dum conto!

Aliviada do peso da mala e da imagem do homem à beira da sepultura, atravessou o átrio e tomou o caminho da Sé, entrando no vaivém dos peões pelas ruas da cidade. No terraço da Sé, olhando os telhados, foi distraída pelos gritos zangados duma mulher e pelo quadro castiço em que a peixeira mais velha fugia do assalto dum peixe e do alguidar de folha lançados em fúria. – Ah, fi da puta dum caralho, se t’apanho... Desceu as escadas e o bairro até à igreja de S. Francisco. As casas amodorradas na ruína adiada pelos barrotes que as escoravam fizeram-na estugar o passo na calçada incerta. Depois, o esplendor dourado da talha, a conversa breve numa castiça leitaria num meandro da Ribeira, a brincadeira dos gaiatos surpreendida na volta de uma escada com o Douro ao fundo, as montras das lojas de secos a caminho dos Clérigos, sobrepueram-se definitivamente ao eco longínquo das palavras do escritor e preencheram as horas vagas da tarde de sábado. De regresso a S. Bento, foi resgatar a mala e encaminhou-se para o cais onde devia apanhar o comboio para a Campanhã. Não procurou um lugar para se sentar porque afinal o comboio não podia tardar, e já tinha descansado na leitaria onde lanchou uma madalena molhada num galão e comprou uma apetitosa broa de Avintes. Com a lentidão típica do tempo de espera, os minutos escoaram-se até à hora de partida da composição, segundo o horário. Estava atrasado. Ainda não tinha muita importância, porque o intercidades só passaria daí a cerca de trinta e cinco minutos, se chegasse à tabela. Meia dúzia de passageiros esperava calmamente no cais. Tirou do saco o jornal e foi **113**

lendo os títulos, atenta a qualquer movimento na linha. Nada. Fez mentalmente as contas ao tempo e concluiu que dispunha ainda de cerca de vinte minutos para a ligação. Nem por um instante lhe passou pela cabeça sair da estação e apanhar um táxi, acalentando a convicção íntima de que não tardaria ali o comboio em falta. Este optimismo panglossiano convivía com a preocupação pelos efeitos do atraso no seu plano de viagem que a levou a interrogar-se, com uma pontinha de irritação, sobre o que se passaria, afinal? Uma avaria? Reviu o horário, supondo de repente que se podia ter enganado, vendo o movimento dos comboios nos dias úteis. Nada. E o comboio que não chegava!

Quando começava a insurgir-se contra a falta de respeito pelos passageiros, foi distraída por uma alteração repentina do movimento no cais, tão repentina que mal percebeu quem passara mesmo nas suas costas. Dois ou três sujeitos fardados, polícias? bombeiros?, seguidos por uma dezena de pessoas percorriam o cais até ao fundo, atravessando com pressa urgente o ritmo lento da espera. Outros passageiros encaminharam os passos curiosos atrás do primeiro grupo. Havia agora um magote de homens, mulheres e miúdos, alguns pequenitos pela mão dos pais, à boca do túnel. Que teria acontecido? A pergunta não passou de uma vaga formulação, pois quase logo pensou que, se o comboio não chegasse e partisse nos seis minutos próximos, arriscava-se a perder o intercidades na Campanhã. Deitou mais uma mirada ansiosa ao túnel. Foi quando reparou que o grupo que estava no fim do cais tinha formado um cortejo e regressava. Os altifalantes da estação continuavam silenciosos e não havia sinal do maldito comboio. O cortejo aproximava-se do ponto do cais onde ela se mantinha à espera. Passaram primeiro dois bombeiros transportando uma maca com um corpo tapado por

uma manta escura. (Uivando, o comboio entrava

nhez das suas preocupações caíram-lhe pesadamente na alma, e uma bola de vácuo sufocou-lhe o grito de indignação e dor quando passou o terceiro bombeiro agitando — placidamente — à medida que andava — mal embrulhado num jornal, um coto de perna com o pé calçado numa bota de ténis gasta.

Cláudia Clemente **Noite de hotel
e Visita à ilha**

Cláudia Clemente nasceu no Porto em 1970. É licenciada em Arquitectura pela FAUP. Estudou Realização Cinematográfica em Barcelona, onde viveu e trabalhou durante quatro anos. Exerce a sua profissão desde 1993. Actualmente reside em Lisboa, onde prepara um documentário sobre a vida e obra de Julio Cortázar.

Noite de hotel

Desta vez já estávamos à espera há semanas. Tanto eu como as minhas irmãs somos pacientes e sabemos esperar. O tempo tem para nós pouco ou nenhum significado. Vimo-los entrar sem surpresa ou sobressalto. A porta rangeu, olhámos — como de costume, sem ser vistas — para os dois estrangeiros que pousavam as malas no quarto.

Eu achei que faziam um bonito casal. Nem todas as irmãs concordaram. Ele, alto e loiro, de cabelo comprido e corpo atlético, foi unanimemente considerado atraente. Mas de ti nem todas gostaram à primeira vista. Umas diziam que eras baixa, que parecias apagada ao lado dele, outras que o cabelo curto, sei lá. Tretas, ciúmes tontos.

O quarto era decrepito. As tábuas de madeira do chão estavam podres e esburacadas, as paredes com a pintura deslavada, e o tecto coberto por enormes manchas de humidade. Os vidros das janelas tão sujos que não deixavam ver para o exterior. Ainda bem, porque a vista das traseiras do hotel não é de todo das mais românticas.

Vimos o vosso olhar horrorizado com a sujidade e o abandono do quarto. Mas não havia outra

opção. Vocês sabiam-no e nós também. Era o único hotel aberto àquela hora na cidade. Nunca ninguém vem aqui parar por vontade própria, mas quando o autocarro chega a meio da noite, é um alívio ver a luz acesa ao fundo da rua, e todos acabam por vir cá ter, mais cedo ou mais tarde. Quando pousam as malas já não têm coragem de voltar lá para fora, para a noite. Dominam o medo, a repulsa, e tentam animar-se pensando que depois de um bom duche tudo parecerá menos sórdido. Ilusão. Não parece.

Vimo-los tentar extrair água das torneiras, e a vossa cara quando o líquido castanho e ferrugento pingou brevemente contra o esmalte descascado da banheira. Do outro lado do espelho observei a cara dele, e quando se aproximou mais senti o calor do seu hálito, quase lhe pude tocar nos lábios. Fechou os olhos e suspirou, como se me tivesse presentido. Teve um arrepio e afastou-se bruscamente do espelho.

Quando se despiu ficámos todas em silêncio, gulosas na nossa escuridão. Vimos como te sentavas na cama, como apalpavas desconfiada o colchão. Esperámos que ele adormecesse. Demoraste a apagar a luz, olhavas à tua volta como se pressentisses alguma coisa, e cheguei a pensar que talvez tu... mas com um suspiro deitaste-te, por fim. Ouvimos a respiração pausada dele, e a tua assustada, quase ofegante. Era normal.

Passámos ao de leve por cima dele, tocando-lhe primeiro os olhos, a boca, o cabelo, depois os ombros, o peito, o ventre. Era tão bonito que nos dava quase pena. Depois chegámos a ti. Ele nem acordou. Nunca acordam antes do tempo, felizmente. Depois é terrível. Quando despertam olham à volta, desorientados, chamam. Não obtêm resposta, claro. Assustam-se. Levantam-se, procuram, desesperam. Às vezes choram. É incrível o que gritam quando compreendem por fim que lhes levámos a mulher.

Visita à ilha

O barco apitou e partiu. Sentado num dos bancos do lado da janela, Teixeira suspirou. Até que enfim, quase meia-hora de atraso na partida. Mesmo em férias gostava de rigor. Claro que, naquele país, o conceito de rigor no cumprimento dos horários era inexistente, mas como por princípio considerava a pontualidade fundamental, não conseguia evitar ir fazendo os cálculos de todos os atrasos acumulados ao longo da última semana, as contas das horas que tinha perdido em esperas daquelas e, claro, de quanto dinheiro lhe tinha custado cada atraso, contado em tempo de férias.

O barco afastava-se lentamente da margem e Teixeira encostou-se melhor no banco, tentando ficar o mais confortável possível, já que a travessia para a ilha duraria pelo menos três quartos de hora e não queria ficar depois com dores nas costas, provocadas por uma postura incorrecta durante a viagem. Bocejou. A guia estava a tentar contar a história da ilha ao barco repleto de turistas. Ninguém parecia muito interessado no que ela tinha para dizer, a julgar pelo ar distante com que a olhavam a princípio e pela rapidez

com que se voltavam novamente para a janela, a vaguear os olhos pela paisagem.

À medida que se afastavam da margem havia cada vez menos com que entreter o olhar, de modo que Teixeira achou melhor prestar um mínimo de atenção à história que contava a pobre guia, para ajudar a passar o tempo. Pelo que ela dizia, na ilha tinha existido ao longo dos séculos uma civilização à parte, isolada do resto do país, com uma cultura e uma linguagem próprias. Tinham também uma religião distinta, com ritos diferentes dos praticados pelos outros por quem mais tarde tinham sido invadidos e exterminados.

Nada de novo, pensou Teixeira, e não pôde deixar de lembrar-se da última fusão que o Banco efectuara, uma operação brilhante de que se orgulhava particularmente. Essa manobra estratégica iria sem dúvida fazê-los crescer ainda mais, o que por um lado significava um aumento no volume de trabalho, mas por outro alguma mais que provável promoção, já que o seu superior não poderia ficar indiferente ao empenho com que realizaria todas as acrescidas tarefas. De qualquer forma, a sua ascensão no Banco tinha sido rápida até àquele momento, e nada fazia prever que deixasse de o ser.

A rapariga de vestido amarelo sentada à sua frente tinha adormecido. O livro que levava ao colo escorregou para o chão, onde caiu com estrondo. Teixeira não conseguiu reprimir um sorriso ao vê-la acordar sobressaltada com o barulho. Tão feia, coitadinha, pensou. Os óculos caíram-lhe quando se baixou para apanhar o livro e ele ajudou-a a encontrá-los. Ela agradeceu e voltou a sentar-se com o livro no colo, fechando novamente os olhos.

Mais cinco minutos e volta a cair, pensou Teixeira. Problema dela, quero lá saber.

Passeou os olhos pelas caras dos outros turistas. Todos tinham em comum a cara ensonada de quem se levanta cedo em férias para tentar ir ver monumentos, tirar boas fotografias e assim ficar com a consciência

tranquila, tendo imagens e assunto para contar aos amigos.

Ao seu lado direito, um turista gordo de camisa havaiana e máquina fotográfica ao pescoço mascava ruidosamente uma pastilha elástica, rebentando de vez em quando uma enorme bola mesmo perto do seu ouvido. Uma senhora com o cabelo completamente branco parecia concentradíssima no discurso da guia. Um casal de namorados beijava-se apaixonadamente desde o momento da partida do barco, e Teixeira suspirou tristemente ao lembrar-se da nova secretária de direcção que o Banco contratara.

A guia explicava agora que, em tempos idos, os habitantes da ilha realizavam periodicamente rituais com sacrifícios humanos, ligados à prática do canibalismo. Aquela religião primitiva tinha desaparecido com eles, e dela só restavam antigas lendas, não se sabendo exactamente em que consistia, ou quais eram os deuses sangrentos que aqueles povos adoravam.

Teixeira sentiu-se ligeiramente incomodado com a referência ao canibalismo. Tinha acabado de tomar o pequeno-almoço há menos de meia hora e o estômago ressentiu-se um pouco quando a guia resolveu descrever um dos sacrifícios rituais. Desistiu de a ouvir, ao contrário do resto dos ocupantes do barco, que a partir do momento em que ela começou a falar de tais temas passaram a demonstrar imenso interesse. Fechou os olhos e adormeceu em pouco tempo. Sonhou com a cabeça do seu chefe a ser-lhe servida ao pequeno-almoço numa salva de prata. Acordou sobressaltado e olhou à sua volta.

A guia estava nesse preciso momento a falar dos hábitos nupciais dos antigos habitantes da ilha, e Teixeira prestou-lhe um pouco mais de atenção do que antes. A senhora de cabelo branco desviou dela o olhar e começou a ler um folheto que tinha na mão e que parecia um panfleto turístico, embora Teixeira não tenha conseguido ler-lhe o título, por muito que se esforçasse. Quando voltar, marcar consulta no oftalmologista, pensou.

O turista da camisa havaiana já estava silencioso há algum tempo. Observou-o pelo canto do olho. Tinha adormecido. Oxalá se engasgue com a pastilha, não conseguiu deixar de pensar.

Um rapaz loiro e barbudo, de óculos escuros estilo anos setenta, acendeu um charuto. Só me faltava esta, suspirou Teixeira.

A sua vizinha do vestido amarelo tinha também voltado a adormecer, mas desta vez o livro parecia solidamente agarrado. Olhou-a com mais atenção. Afinal não era assim tão feia, a sua primeira análise tinha sido precipitada, deixara-se enganar pelos óculos e pelo vestido. Bom, a verdade é que também não é nenhuma top-model, pensou.

Ao longe começou a avistar-se a ilha e pouco depois o barco atracava num velho cais de madeira. Até que enfim, suspirou. Já não aguentava ouvir nem mais um minuto a explicação da guia e o fumo do charuto do loiro barbudo estava a dar comigo em doido.

Lá fora o calor húmido esperava-o. Atravessou a ponte de madeira com um certo receio, e o assédio dos vendedores de bugigangas começou. Serviu-lhes de muito terem tido uma civilização à parte, se era para acabarem assim, pensou com desprezo. Caçadores de turistas, não há raça pior.

Apressou o passo e procurou o caminho para o primeiro templo. Subiu uma escadaria de pedra onde a cada dois degraus se lhe deparava um vendedor. Passou assim pelo meio de pulseiras, amuletos, fantoches, colares, brincos, tecidos e recordações de todo o tipo até conseguir, exausto, atingir o início do atalho que levava à entrada das ruínas.

O primeiro templo, o maior do conjunto, tinha umas dimensões impressionantes. Percorreu-o durante algum tempo e depois passou aos seguintes. Todos se assemelhavam entre si excepto o principal, que deixou para último.

As colunas gigantescas, assim como o tecto, estavam esculpido com uma incrível perfeição. Aproximou-se de uma delas, impressionado com a ideia de que a vida inteira

124 de um artesão não chegara certamente para fazer aque-

la peça maravilhosa e fazendo já contas de quantos homens não teriam nascido e morrido até o templo ser completado.

Um homem de túnica branca passeava na câmara mais escura do templo. Teixeira esperou que ele saísse e só depois entrou. A luz zenital entrava por um único orifício no tecto do recinto e iluminava uma enorme pedra central, semelhante a uma mesa ou altar. Esta estava escavada por um sulco a todo o comprimento, que conduzia a uma espécie de calha talhada na pedra, como um escorredouro. Teve um arrepio ao lembrar-se de que deveria ser aquele o altar onde se realizavam os sacrifícios humanos e resolveu sair dali rapidamente para evitar ter pesadelos à noite. Os pesadelos pareciam-lhe um desperdício de sono e nem a dormir admitia perder o seu tempo. O homem da túnica branca estava parado à entrada da câmara e ambos se dirigiram para a sala central do templo.

Ali, no meio de uma enorme quantidade de colunas tão trabalhadas como as da primeira sala, havia um tanque com água límpida. Uma rapariga nova, vestida de cores garridas, recolhia-a com o auxílio de um balde e depois despejava-a numa espécie de cântaro, que ia enchendo aos poucos. Terminada esta tarefa, pegou nele, pousou-o na cabeça e afastou-se devagar. Ao passar por Teixeira dirigiu-lhe um enorme sorriso. Ele não se desarmou e, atribuindo tanta simpatia ao seu charme natural, continuou a sua visita, passando agora a um pátio onde em tempos devia ter florescido um jardim. Ali no meio estava sentado um dos vendedores de bugigangas que já vira anteriormente. Possivelmente era outro parecido, vestido da mesma maneira, pensou. Contornou-o com cuidado e começou a dirigir-se para a saída. Ao passar pelo homem, este esticou o braço e tocou-lhe ao de leve num pé. Teixeira sobressaltou-se mas ignorou-o.

Aproximava-se a hora marcada para a partida do barco. A guia tinha sido inflexível: ao meio-dia em ponto deixariam a ilha. Resolveu começar a encaminhar-se para o velho cais. Ao sair do templo viu o homem de branco parado na entrada. Como se o esperasse, começou a andar **125**

no exacto momento em que Teixeira passou por ele. A verdade é que dava a sensação de que o seguia.

Que ideia mais idiota, pensou. Ia já pelo caminho que conduzia à escadaria de pedra que levava ao cais quando a rapariga que tinha visto a recolher água no pátio apareceu, saída de um outro templo, do seu lado direito. Sorriu-lhe novamente e começou a aproximar-se. Sem saber bem porquê, abrandou o passo. O homem da túnica branca, que continuava atrás dele, também.

Agora, do seu lado esquerdo, aparecia o vendedor que já vira sentado no jardim, com uma mão aberta esticada na sua direcção. Lembrando-se de que este já anteriormente lhe tocara e sem vontade de lhe dar uma nova oportunidade de o fazer, começou a andar mais depressa.

A rapariga pareceu desconcertada e tanto ela como o vendedor e o homem da túnica branca se apressaram por sua vez. Teixeira trocou o passo apressado pela corrida no momento em que o braço do vendedor estava quase a tocar-lhe na manga. Olhou para a rapariga. O seu sorriso desaparecera e havia agora algo de selvagem no seu olhar, tinha como que um ar guloso estampado na cara.

Sentiu-se agarrado por trás, pelo cotovelo, e não precisou de girar a cabeça para saber quem era. Soltou-se com uma sacudidela rápida, num puxão forte deixou ficar o seu casaco preso na mão do homem de branco e desatou a correr. O vendedor roçou-lhe a perna sem o conseguir reter e enquanto descia a escadaria, saltando por entre as mercadorias, ouviu o grito agudo que soltava a mulher. Correu com desespero por entre as mãos abertas que o tentavam prender, até alcançar o velho cais de madeira.

Aí, parada, com um ar perplexo, estava a rapariga do vestido amarelo. Agarrou-lhe na mão e sem uma palavra continuou a correr, arrastando-a consigo. Era meio-dia em ponto e, no momento exacto em que saltaram para o barco, este apitou e começou a afastar-se. Não se via ninguém

Olhou-a em silêncio. O vestido estava rasgado, uma das lentes dos óculos partida, e ao livro que ainda segurava nas mãos tinha sido arrancada a capa e grande parte das páginas.

O barco estava tão cheio como antes. O loiro barbudo fumava calmamente um charuto, o casal de namorados beijava-se, a velha senhora de cabelo branco lia outra vez o seu folheto com ar interessado. Reparou que faltava o turista gordo da camisa havaiana.

A rapariga do vestido amarelo começou a soluçar baixinho. Teixeira suspirou e passou-lhe o braço à volta da cintura. Estavam cada vez mais longe da ilha. Voltou a cabeça para trás mesmo a tempo de ver um novo barco repleto de turistas a chegar ao cais.

FICÇÕES n° 1

Edgar Allen Poe | Machado de Assis | Anton Tchekhov | Italo Svevo | Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão | Pedro Mexia.

FICÇÕES n° 2

Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladímir Nabókov | Maria Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente.

FICÇÕES n° 3

Heinrich Kleist | Hermann Melville | Dino Buzzatti | S.Y. Agnon | Mário de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Dois portugueses inéditos a seleccionar.

Os autores que pretendam enviar contos para a revista FICÇÕES podem fazê-lo através de correio electrónico para o seguinte e-mail:

tintapermanente@mail.pt

Ou através dos CTT para o seguinte endereço:

TINTA PERMANENTE
Revista "Ficções"
Av. da Igreja, 9-3° Esq.
1700-230 Lisboa

Continuamos, no segundo número da FICÇÕES, a divulgar junto dos nossos leitores contos de autores um pouco esquecidos mas tão determinantes como Diderot ou Walpole. De Diderot, Pedro Tamen traduziu *Ceci n'est pas un conte*, uma conversa sobre as *scélératesses* humanas e de Walpole incluem-se dois dos *Contos Hieroglíficos*, uma incursão no delirante *nonsense* do autor de *O Castelo de Otranto*. José Maria Vieira Mendes traduziu um dos maiores contos de Kafka e da literatura, *Um Artista da Fome*. De Vladímir Nabókov inclui-se nesta edição *O Regresso de Tchorb*, escrito ainda no período do exílio em Berlim.

Maria Velho da Costa escreveu para a Ficções uma das suas deslumbrâncias, *O amante do Crato*, e Teresa Veiga um curioso conto intitulado *Confidência barreiraense*. À Ficções chegaram ainda, e agora se publicam, contos de duas autoras inéditas, *Por acaso* de Isabel Boavida e *Noite de hotel e Visita à ilha*, de Cláudia Clemente.